

**ANA MAGNÓLIA MENDES**

**BASTA  
SUPER EU!!!**



**CIRCUITOS  
EDIÇÕES**

Por ocasião do seminário VII, Lacan nos oferece uma fórmula da qual vale a pena tentar explorar todas as suas consequências: «É mais conveniente sofrer pela interdição do que correr o risco da castração». A obra proposta por Ana Magnólia Mendes é uma forma de analisar esse aforismo e revelar a sua dimensão social e política. A ideia lançada por Ana de que é necessário «politizar o superego» é uma maneira de interpretar e deslocar a proposta lacaniana. Se o superego pode, com muita frequência, como nos mostra a clínica, tornar-se um aliado extremamente eficaz do perseguidor, que resposta pode o clínico dar a isso? Não nos deixemos enganar pelo título: «Basta Super Eu»!!! Não basta uma junção para limitar o trabalho de sabotagem do superego. Ana mostra isso com muita sutileza: ao trabalho de destruição do superego não podemos responder senão com o trabalho sempre inacabado do desejo.

**Jean-Michel Vivès**

O livro trata do trabalho subversivo do desejo. Subversão do sujeito, do analista, dos trabalhadores, que se manifesta no basta superego e no basta super eu, como um ato político.

**Ana Magnólia Mendes**

ISBN: 978-6-50192-205-8



9 786501 922058

**BASTA SUPER EU!!!**  
**ANA MAGNÓLIA MENDES**



Copyright © de **Ana Magnólia Mendes**

Editor Geral: **Emílio Peres Facas**

Imagem da Capa: ***Fundo do mar*** (Brasília, 2026) de **Catarina Milhomem Facas**

Revisão: **Franciny Tenório Cavalcante Maiorano de Lima**

---

**Conselho Editorial da Circuitos Edições**

---

**Andrea Pujol**

Universidad Nacional de Córdoba

**Ana Teresa M. Ferreira Oliveira**

Instituto Politécnico de Viana do Castelo

**Caio Sgarbi Antunes**

Universidade Federal de Goiás

**Éric Hamraoui**

Conservatoire National des Arts et Métiers

**Fernanda Sousa-Duarte**

Universidade de Brasília

**Jean-Michel Vives**

Université Côte d'Azur

**João Batista Ferreira**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

**João Areosa**

Instituto Politécnico de Setúbal

**Joana Alice Ribeiro de Freitas**

Universidade Federal de Goiás

**Patrick Brown**

Universiteit van Amsterdam

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Mendes, Ana Magnólia

Basta super eu!!! [livro eletrônico] / Ana Magnólia Mendes. -- 1. ed. -- Brasília, DF : Circuitos Edições, 2026.

PDF

ISBN 978-65-01-92205-8

1. Psicanálise 2. Psicologia 3. Trabalho - Aspectos sociais I. Título.

26-333765.0

CDD-306.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Trabalho : Aspectos sociais 306.3

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

# **SUMÁRIO**

---

**Carta ao leitor** [05]

## **Nota introdutória**

Desobediência irreconciliável [11]

## **Seminários**

Encarnações do sintoma na cena do desejo, os equívocos [19]

Qual é o seu desejo? [37]

Trabalho subversivo do desejo [53]

O desejo não tem *mas*, é um *ponto* [75]

O real do desejo [91]

**Referências** [113]

**Sobre a autora** [117]



## **CARTA AO LEITOR**

---

O livro não é sobre o supereu, mas sim sobre as pistas para dar o basta. Basta às tiranias, às ordens, aos comandos, às injunções, à opressão, à dominação, às ameaças, às punições, à violência e a quaisquer outras formas de brutalismo, desmesuras e barbáries que destroem o ser humano, o sujeito e sua existência ético-política. Um basta à subordinação, à submissão, à servidão, aos cantos da sereia, às ilusões, às idealizações, à falta de limite, às tentativas de colonização, exploração e expropriação do sujeito, do trabalho, da vida, qualquer excrescência que os modos de produção capitalista, os discursos e práticas neoliberais e as ideologias da performance, felicidade e infinitude têm produzido. Basta a muitas outras atrocidades, absurdos em nome do progresso e da moral civilizatória...

O livro não trata do supereu do ponto de vista teórico e clínico, como estudado pela psicanálise. É um livro sobre o trabalho subversivo do desejo em suas múltiplas configurações subjetivas, sociais e políticas, e particularmente articulado a uma clínica com trabalhadores. É uma proposta de forma indireta e sutil de fazer o leitor descobrir saídas para dar o seu próprio basta.

Esse basta se articula à nossa proposição central de que o supereu tem uma política para colonizar a subjetividade, manifestando-se como a voz tirânica, inquisidora e aterrorizadora. Ele é a voz enunciada no

discurso capitalista colonial, estruturado a partir do hiper capitalismo ultraliberal que produz a hipervigilância do sujeito, recusando o Real, sem perfurar o imaginário e sem produzir um efeito sobre o simbólico. Freud (1923), em seu texto *Eu e o Isso* afirma que o supereu pode tornar-se hiper moral e, por isso, cruel, tanto com o próprio sujeito como com os outros, dado que o supereu é uma instância dentro e fora do sujeito, eminentemente social. Por isso, ele pode assumir um poder, legitimado e até construído pelas representações, normatividades e ideologias praticadas nas instituições e nas relações de trabalho. Para Lacan, o supereu tem um desconhecimento da lei. Ele é ao mesmo tempo a lei e a sua destruição. É o que ele denomina do “Tu deves” que é uma palavra privada de todo o sentido, uma injunção, uma ordem. É nesse sentido que o supereu produz uma identificação com o que há de mais devastador e de mais fascinante.

É na clínica com trabalhadores que este supereu aparece, como a voz encarnada na lógica da gestão do trabalho, sendo o trabalho subversivo do desejo que ocupa a posição central revelando-se como uma modalidade de subversão do sentido dado pelas injunções. Assim, é por meio dessa clínica, que se busca criar horizontes, perspectivas de existência para o sujeito do desejo, subjugado de forma opressiva e abusiva ao trabalho produtivo capitalista, para que um dia ele possa dizer: “Basta supereu !!!”

Desse modo, esse livro é escrito para meus alunos, pesquisadores, professores, profissionais que querem fazer uma clínica com trabalhadores a partir da articulação entre a psicanálise e a crítica social. É um livro que trata do desejo, do trabalho do analista e da subversão tanto na atuação do analista numa posição ético-política como subjetiva. A subversão também é relacionada ao sujeito do desejo, sendo essa subversão do sujeito ao basta supereu. Basta seja no supereu de cada um, seja no *supers eus* institucionais, os *super* de superioridade da lógica colonialista, o *super* dos superiores que abusam do poder, o *super* dos heróis, *super star*, o *super* da supremacia e muitos outros *supers*, assim como, aos *eus*, que inflam o sujeito e produz violências aos que não fazem parte da *eucentralização* narcisista. Basta ao que faz romper os laços sociais, produzindo patologias sociais e levando o trabalhador ao sofrimento e adoecimento.

Por isso, o trocadilho no título, de supereu para super eu. Nossa intenção é politizar o conceito de supereu, de provocar o leitor a pensar os bastas para si mesmo, na clínica e nas instituições, assim como, dar um basta à psicanálise dos mestres, mitificada no próprio supereu freudiano e lacaniano. É um livro para quem deseja construir novos saberes sobre uma psicanálise e um modo de ser analista, essencialmente, para quem se interessa pelas questões da clínica com trabalhadores, do trabalho humano como uma dimensão estruturante das relações sociais de poder e como

causa e efeito da colonialidade e do capitalismo. Sendo o basta ao supereu e aos *super eu* a desobediência irreconciliável essencial ao trabalho subversivo do desejo.

O livro está organizado por meio de textos que foram edições de cinco seminários abertos que realizei, na modalidade online, entre 2023-2024 pela Universidade de Brasília como uma atividade do Laboratório Trabalho e Linguagem em parceria com o Ibract - Instituto de Pesquisa e Estudos sobre Trabalho. Os seminários foram atualizados em 2026, ou seja, reescrevi e escrevi algumas novas ideias e uma nota introdutória, na qual faço algumas pontuações para sustentar o argumento do basta pelo trabalho subversivo do desejo. A nota introdutória seria talvez o início de um outro livro sobre a desobediência irreconciliável...

Os títulos dos seminários foram criados em 2026 após a edição de cada um que na época tinham outros títulos. É uma publicação com imprecisões, incompleta, desencadeada, mas diz de inquietações, interrogações e pensamentos que desejei arriscar compartilhar.

Por fim, gostaria de agradecer aos participantes do seminário, aos alunos do Grupo de Pesquisa Psicanálise e Crítica Social, aos estagiários e voluntários do Projeto Trabalhadores no Divã, que coordeno na Universidade de Brasília, e aos trabalhadores que estão sendo escutados no projeto, pelas inspirações teóricas, metodológicas e pelo exemplo de coragem de dizer basta!

Minha gratidão também ao professor Emílio Facas, coordenador da Circuitos Edições pela publicação, à minha amiga Fernanda pelo nome da obra, à Catarina Milhomem Facas pelo desenho de capa com as cores da liberdade, e à Franciny Tenório Lima pela edição dos seminários.

Desde o início do trabalho de edição até a publicação se passaram nove meses, uma gestação! Foram muitas horas de trabalho, com muitas trocas, questões, risadas e mudanças de rota, uma experiência valiosa sobre parceria, criação e desejo.

Uma boa leitura e desejo que pistas sejam encontradas para dizer basta supereu e basta *supers eus!*

Paris, 30 de janeiro de 2026

Ana Magnólia Mendes



# **NOTA INTRODUTÓRIA**

## **DESOBEDIÊNCIA IRRECONCILIÁVEL**

---

“Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome”  
(Clarice Lispector, perto do coração selvagem)

A desobediência é um ato subversivo. É um tipo de sacrilégio, uma dessacralização do todo absoluto. Significa não ceder a tirania, ao sacrifício. É um tipo de revolução a partir da potência do desejo frente aos destinos da pulsão.

É a dimensão do irreconciliável, do paradoxo, o que pode sustentar essa desobediência. Um “basta supereu!” e nesse sentido a desobediência ao imperativo: “Goze!” que se articula de modo inexorável ao discurso colonial capitalista e neoliberal, constituindo uma ameaça à existência do sujeito, das singularidades e das diferenças. Um risco de mortificação pelas relações sociais de poder, colonizadoras da subjetividade.

Isso significa não ceder ao arbítrio do supereu, ou seja, não sacrificar seu desejo ao gozo, que é um artifício da lógica colonizadora enquanto destino da pulsão proposto pelas injunções discursivas da normatividade social. No entanto, confrontar o supereu! tem uma complexidade, é uma trama que envolve as fronteiras do sintoma e do desejo no nível do inconsciente, bem como as fronteiras dos determinismos sociais e políticos. Desejo que não é vontade nem querer, não se trata de uma apologia ao narcisismo ou

ao egoísmo cristão. Atende a uma lógica e uma lei própria, fora das normatividades, é movimento político, ao se articular a um caminho de descolonização da subjetividade e apropriação da potência ético-política do sujeito.

Assim, desobedecer é uma das condições para desejar, assim como, subverter o real. Real, conforme nosso entendimento da leitura de Lacan, que diz respeito a um "saber não sabido" sobre o que quer que seja, um acontecimento, um caso sem causa, que produz um efeito estranho ao sujeito, porque "falta as palavras", não tem explicação, é sem sentido, não cabe, é intraduzível, impensável, inexorável, sendo na fala singular na relação com o outro, especialmente na escuta clínica, que pode ser desbancado. Assim, pode produzir um efeito de sideração que tem predominado nas instituições frente ao assédio moral, assim como produzir movimento, sendo o irreconciliável como lógica subjetiva que articula o desejo e a possibilidade de sair desta estranheza. Desejo que exige interpretação por estar em movimento e como tal, é conhecido apenas no *só depois* da fala. Esta seria a saída mais próxima de algum tipo de satisfação.

Assim, nos interessa os efeitos do real no sujeito, na clínica e nas possibilidades de subversão dos determinismos do inconsciente, social e político, a partir da desobediência irreconciliável que o trabalho do desejo implica.

Nessa perspectiva, a desobediência é uma das condições essenciais para a revelação do desejo. Não existe

nenhum tipo de conciliação quando se trata do desejo. O desejo é minha lei, não é causa dos efeitos produzidos no Outro e nos outros, implicando uma solidude do sujeito que só tem como garantia a aposta no seu desejo. O desejo é livre, sem destino e sem objeto, é um ponto. Ele é pelo caminho da palavra, diferente da voz e dos ruídos e enunciados do supereu, que invadem o sujeito, produzindo diversos equívocos criados por uma linha quase invisível entre sintoma e desejo, possível de se revelar na clínica.

O desejo tem um caráter incondicional, como Lacan (1959-1960/1988) descreve no Seminário 7, *A ética da Psicanálise*, ao se referir a Antígona, que não se submete ao supereu, suporta a angústia da desobediência que não paralisa, mas faz movimento em direção a uma ética própria ao desejo.

No seminário *A Angústia*, Lacan (1962-1963/2005) discute como o objeto *a* encontra refúgio na obediência como correlato do gozo. Nesse sentido, a voz e o olhar têm um efeito de angústia sobre o corpo. É a voz que exige obediência. O ponto real da obediência é a obrigação de gozo. Essa obrigação articula-se com a ideologia da felicidade produzida pelo capitalismo digital nos espaços sociais e nas relações de trabalho institucionalizadas.

É pela desobediência, ainda que se remeta a angústia, a saída dela pela operação do desejo que afronta o gozo sofrente. Vale ressaltar que estas ideias não caracterizam uma negação dos sofrimentos sociais, históricos e políticos, que

não são modos de gozo, são produtos de uma estrutura colonizadora, patriarcal, totalitária. Estas duas vias são fundamentais na clínica com trabalhadores em situação de violência e adoecimento pelo trabalho reprodutivo capitalista. Vamos avançar ao longo do livro nessa articulação entre a psicanálise e a crítica social para pensar essa clínica, aliás, este é um dos propósitos deste livro.

Ainda assim, é importante pensar nos paradoxos do sofrimento como um modo de gozo e como denúncia política. Considerar estas dimensões, dar pistas para pensar as armadilhas do discurso colonial capitalista que prega de forma doutrinária a felicidade, levando a uma ausência de escuta do sofrimento, que revela os equívocos entre sintoma e desejo fundamental no tratamento clínico e no trabalho político para a consciência da classe trabalhadora. Um risco de vitimizar o trabalhador que sofre para enfraquecer o poder de luta dos trabalhadores, sendo que este sofrimento é uma forma de denunciar as armadilhas do discurso e as práticas do sistema colonial capitalista neoliberal.

Avançado nessa discussão, no Seminário 23, *O Sinthoma*, Lacan (1975-1976/2007) menciona que se obedece a uma palavra. Essa ideia contribui para pensarmos como os artifícios do discurso colonial capitalista, que é sempre lugar de poder, operam no adoecimento dos trabalhadores. Poder da palavra, que, neste caso, não é o mesmo que fala. Por exemplo, a palavra *felicidade*, que funciona como um grande mercado para o capitalismo atual que tem lucro pela venda

dos algoritmos. O poder, então, se sustenta na obediência, nos discursos que são a encarnação das vozes do supereu e suas promessas falaciosas, o canto da seria, de satisfação pulsional. Assim, desobedecer é um sopro do desejo... é a insistência e persistência do sujeito para existir, se afirmar neste mar dos totalitarismos, das opressões e da dominação pelas relações sociais de poder.

Nessa perspectiva, uma questão se faz importante: Por que obedecemos às injunções do supereu como imperativo do gozo, bem como, a toda e qualquer tirania histórica, social, política?

Uma possível resposta é a força da opressão e da dominação praticada pelo Estado e legitimada na sociedade capitalista. Podemos hipotetizar que seria pelo medo da punição, da violência física e moral, do castigo, da solidão, da vergonha dos outros, de não ser amado, "está vendo, como obedeço bem?", da ruptura, das mudanças, de ser minoria, e outras atrocidades que podem acontecer como na inquisição, por exemplo, nas torturas, nas ditaduras, e porque não mencionar, nas organizações atuais de trabalho, que têm produzido pavor, terror, brutalidades. E na clínica das singularidades com trabalhadores que adoeceram pela obrigação da obediência, como podemos avançar nestas hipóteses?

Na radicalidade, articulando a desobediência ao desejo. Talvez, o medo que faz obedecer, é o medo da liberdade. A coragem de desobedecer é suportar seus atos, sejam

relacionados às lutas singulares ou políticas e sociais. A liberdade dá vertigem... mas é o sujeito da desobediência que se aproxima do desejo e da liberdade. Mas como viver sem nossas tiranias de estimação? Sem os grilhões dos sintomas psíquicos e sociais relacionados a opressão e a dominação? A psicanálise pura, fazendo uma provocação aos psicanalistas higienistas (sim, existem!), não é suficiente para dar estas respostas, há de se subverter, desobedecer, para ela ser elevada a condição de revolucionária.

Nessa perspectiva, o desejo é indelegável, é do sujeito, que, ao desobedecer, se coloca frente a uma questão ética. Dizer não é dizer sim a si mesmo, e acrescento, a uma luta social e política. Delegar o desejo é dar mais poder ao supereu, é deixá-lo assumir o comando. O totalitarismo destrói os laços sociais e as relações humanas, produz uma servidão voluntária que é um tipo de asfixia do desejo.

Retomando Lacan (1964/1988), no Seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, "o objeto do desejo humano não é um objeto, mas outro desejo. Portanto, o que o homem deseja é sempre o desejo do Outro". Como subverter essa afirmação e passar a ter seu próprio desejo livre do Outro e da dominação? Lacan comenta que o que suscita o desejo em um objeto do mundo ou uma pessoa é algo indecifrável, um brilho, uma textura, um som, um significante. Esses são, para Lacan, faces simbólicas ou imaginárias do objeto *a*, são as aparências. E o que essas supostas *aparências* têm a ver com o capitalismo? os

discursos? os algoritmos? o trabalho prescrito? a qualidade total? as questões de cor, relações raciais, gênero, classe social, com a colonialidade, com a obediência, enfim, com as tiranias?

Estas são as aparências...E qual uma possível saída? Pela subversão. Entendendo o real como um acontecimento do inconsciente que revela o sujeito e seu desejo, como tentamos argumentar anteriormente. Podemos assim resumir: desobediência é o trabalho vivo indelegável do sujeito desejar.

Esse caminho é bem tortuoso, com muitas emboscadas, está constantemente exposto ao risco da fronteira, às vezes quase invisível, entre sintoma e desejo. A desobediência irreconciliável aposta no encontro com o desejo.

Paramos por aqui, esta nota introdutória foi pensada como uma abertura para discutir sobre o desejo como uma potência para rupturas políticas, sociais e morais, para a liberdade e a existência ético-política do sujeito, para produzir um trabalho subversivo. As questões aqui tratadas serão retomadas ao longo dos textos que compõem este livro. São cinco seminários realizados entre 2023-2024 na Universidade de Brasília, para estudantes da graduação, pós-graduação, pesquisadores e profissionais interessados na articulação entre psicanálise e crítica social do trabalho. Os textos foram transcritos e editados, sendo mantida a informalidade das exposições, não pretendendo assim, ser

um texto acadêmico, mas uma apresentação de ideias como uma saída pelo desejo de provocar, mobilizar e compartilhar.

## **ENCARNAÇÕES DO SINTOMA NA CENA DO DESEJO, OS EQUÍVOCOS**

---

Lacan em seu *Seminário 23: O sinthoma* (Lacan, 1975-1976/2007), faz uma distinção entre sintoma e *sinthoma*, inserindo o grifo no *TH*. Tomando James Joyce, escritor célebre considerado um dos maiores da história, como exemplo, ele introduz o grafo *sinthoma*, evidentemente que ele retoma Freud para fazer essa distinção. Esta é uma questão muito importante para entendermos a diferença entre o sintoma como identificação do sujeito (*sinthoma*) e o sintoma como uma queixa ou como sofrimento.

A proposição do sofrimento como sintoma apresenta determinados problemas quando pensada em relação ao conceito de sintoma em Lacan, e também em Freud, ao trazer o sintoma como o retorno do recaiado, como a realização, a inibição da realização do desejo. Para Freud (1926/2014), em *Inibição, Sintoma e Angústia*, o sintoma é o recaiado do dever, é a exclusão do desejo, ele fica fora. Enquanto que, para Lacan, sintoma é a aparição do desejo. Esse conceito apresenta várias nuances, é um conceito em que Lacan retoma bastante Freud, mas traz uma nova feição, primeiro ao trazer o sintoma como constituinte do sujeito, segundo ao colocar o sintoma como gozo, como identificação, por isso constituinte do sujeito, e também como um enigma a ser incorporado pelo sujeito a partir da redução dos modos de gozo.

Para Freud, o sintoma é o resultado do recalque. Para Lacan, o sintoma é o recalque. Isso marca uma diferença em relação ao que é a realização do desejo e o rechaço do desejo que fracassa. Então, a premissa freudiana é de que o sintoma é sempre uma solução de compromisso. Freud afirma que entre um desejo inconsciente e a sua realização, o sujeito elabora, cria uma solução de compromisso. A partir dos estudos com as histéricas, do caso Dora (Freud, 1905/2016) e das elaborações sobre a conversão, a passagem para o corpo, Freud investigou como nessa solução de compromisso há um impedimento de se realizar aquele desejo que é sempre da ordem sexual, no sentido da sexualidade infantil. Não podemos esquecer que, para a psicanálise, a base da formação desse sintoma se encontra em querer saber sobre a relação sexual e o gozo. A relação sexual que nunca vai ser sabida porque é recalcada na criança, algo como a experiência do nascimento e da morte que são sempre impossíveis de serem representadas pois são recalcadas.

O desejo está relacionado a libido na teoria freudiana, enquanto que Lacan discorre sobre o desejo a partir da perspectiva de que é pelo desejo que se é possível transformar o sintoma em *sinthoma*, é o desejo que faz essa passagem. É o desejo que vai possibilitar, a partir do trabalho analítico, fazer o furo na cadeia de significante. É importante também pensarmos em como é possível fazer isso dentro das instituições, a partir do desejo operado na clínica pelo

discurso do analista, quebrar o que o discurso capitalista produz em termos de um saber absoluto que não existe.

Freud tinha a concepção de que o neurótico vai tentar dominar o seu sintoma, que ele sofre por esta tentativa, um investimento que já nasce fracassado. Este é um princípio importante para os modelos de gestão, pois quanto mais se tenta dominar o sistema, no sentido mesmo do trabalho prescrito, da organização do trabalho taylorista, Taylorfordista, do capitalismo numérico e do trabalho plataformizado - que já é em si mesmo um trabalho controlado - mais o sujeito se angustia profundamente. Falando especificamente do trabalho plataformizado, o trabalhador se coloca a questão "como eu posso dominar o sistema?", e o sistema se impõe de tal sorte que provoca uma neurotização. O universo do trabalho plataformizado abrange diversos aplicativos, a maioria precarizando os trabalhadores, como Uber, Ifood e Zoom, esta que estamos utilizando para realizar este seminário.

O neurótico acredita no seu sintoma, podemos dizer que acredita nos sistemas, e tenta, além de dominar, dar um sentido para esse sintoma. Esses sintomas são aquelas justificações que escutamos no consultório por meio dos relatos sobre o que acontece dentro das instituições.

O sujeito crê no seu sintoma, e quer dar um sentido, um sentido que não é sabido, é enigmático. Restaria a decifração, mas seria a decifração de um não saber, logo um moinho de ventos, é uma luta inglória, no sentido das

tentativas de dominação. Estou focando na questão da dominação porque os modelos de gestão e o modo de produção do capital tentam dominar o saber. Enquanto que para a psicanálise e para a constituição do sujeito, é o não saber que está em jogo. Cria-se então uma decalagem, uma contradição, um paradoxo próprio da relação capital-trabalho: como a racionalidade econômica produz uma dominação que, para psicanálise, é da ordem do impossível?

O neurótico vai demandar do analista o deciframento desse sintoma, ao questionar "Por que eu sinto isso? Por que eu faço isso? Por que eu não consigo mudar isso?" O neurótico faz a demanda sobre esse enigma e é na relação de transferência que esse sintoma aparece. No Seminário 23, *O Sinthoma*, Lacan (1975-1976/2007) propõe que o sintoma é uma trama enigmática que constitui o sujeito. Nesse contexto, quero destacar a tentativa desenfreada que o próprio capital impõe de decifração de um enigma que não é decifrável. Por isso que o sintoma pede interpretação, em função de ser um enigma. Lacan sustenta que na clínica e no tratamento analítico, é importante que o sujeito se identifique com o seu sintoma, o que não quer dizer renunciar, ser passivo, aceitar as coisas como elas são, e isso estaria ligado à redução dos modos de gozo, à inventividade e à criação de novos modos de gozo. A passagem que vai se dar no tratamento analítico permite que o sujeito encontre e invente novas formas de satisfação que façam frente aos modos de gozo ligados a esse sintoma, isso é a identificação

do sujeito com o sintoma. Lacan explica que o sintoma é uma prótese, é artificial, mas é necessário para dar conta, como uma suplência. O sintoma exerce a função de suplência, preenchendo algo que é fundamental para a constituição do sujeito.

Isso seria o sujeito e a identificação com o seu sintoma, não para pensar que ele precisa da prótese ou que sem a prótese ele não viveria, mas para compreender que essa prótese é artificial. É nesse ponto que surge a inventividade dos novos modos de satisfação. É o reconhecimento, porque reconhecer tem a ver com conhecer, diz respeito a algo que o sujeito já conhece, quando o sujeito revê e vê que já conhece, isso é exatamente atribuir a artificialidade dessa prótese, reconhecer que essa prótese é um artifício.

Retomamos a ideia do sintoma como identificação e pedido de cura a partir da ideia de Lacan sobre a importância do sujeito se identificar com os seus sintomas. Se a lermos isoladamente, podemos pensar que Lacan está dizendo para ficarmos conformados, aceitarmos nossa doença, ficarmos com a nossa queixa. Entretanto, com essa ideia provocativa, ele faz um jogo para dizer que esse sintoma é nosso constituinte, uma prótese de suplência, e que no fim da análise o sujeito vai reconhecer que a prótese existe e que ela é artificial, e, por ser artificial, o sujeito pode criar qualquer tipo de prótese. É neste ponto que surge a inventividade e os novos modos de satisfação, de gozar a vida. Nesse sentido, há uma redução do gozo, embora o gozo não possa ser

zerado, anulado completamente. Sempre haverá um resto de gozo, por mais que a análise dê conta e avance, ela jamais será suficiente para simbolizar o resto de gozo que sempre persiste. Pelo processo de análise, é possível que esse resto de gozo que permanece seja reinventado em novos modos ou em outros modos de satisfação a partir do reconhecimento do sintoma como uma prótese artificial.

Há uma diferença importante entre o resto e o excesso, pois o mais-de-gozar é o excesso, é a compulsão à repetição levada à máxima potência, seria essa tradução. O mais-de-gozar produzido pela mais-valia no modo de produção capitalista é um excesso incomensurável, um excesso para além do princípio do prazer ligado à compulsão à repetição, como Freud propõe. Não podemos esquecer Freud para entendermos Lacan, porque a compulsão à repetição se articula fortemente com o capital e com a questão do consumo e da acumulação, que são os dois pilares do capitalismo. O sujeito acumula um tanto de libido, um tanto de pulsão, um tanto de energia que ele precisa consumir, é um consumo em repetição para que ele goze, isso é exatamente o que a compulsão à repetição produz psiquicamente no sujeito. Do ponto de vista da economia psíquica das tópicas freudianas, o gozo está ligado a uma tensão. Estas duas dimensões, a repetição e a compulsão, vão se articulando porque o sujeito vai acumulando uma tensão, que é uma excitação sexual - falamos da pulsão como essa excitação do corpo do bebê que ele não sabe porque sentiu,

mas sente, é somático e psíquico. Quando brincamos com um bebê e ele ri, e às vezes até chora, temos um exemplo claro de que ele está tendo ali uma excitação corporal a partir de uma atitude ou de uma relação, um laço com um adulto que ele não conhece, que ele não decifra, que ele não sabe o que quer dele, mas o bebê se agita, só falta pular dos braços de alegria. Este seria um exemplo vivo de um gozo infantil, enigmático.

Voltando, o mais-de-gozar se liga a essa acumulação, ao consumo desenfreado, sem simbolização, é a questão da pulsão solta, do gozo desenfreado, é um para além, um sem limite, não há castração, não há destino para pulsão. É algo da ordem do inconsciente - a repetição -. A compulsão à repetição de Freud se traduz para além do princípio do prazer no mais de gozar de Lacan, com as devidas nuances e correções. Isso tem relação com a questão do excesso e com a lógica de consumir, acumular e repetir para buscar o gozo semelhante na compulsão à repetição discutida por Freud (1920/2010) ao observar seu neto e perceber que o gozo, conceito lacaniano, da criança é ver o carretel voltar, é exatamente na repetição que ela goza, não é no resultado, nem na descoberta se o carretel é azul ou verde. Há uma série de exemplos da infância em que podemos ver o gozo da repetição, como o balanço, jogar a criança para cima etc., tudo o que se repete de alguma maneira provoca o gozo infantil, exatamente porque é uma reminiscência de uma satisfação originária que já foi vivida. É uma satisfação

marcada no corpo que se reatualiza na vida adulta, sendo o deciframento do sintoma na cena do desejo um caminho para liberar o sujeito dessa repetição que produz o gozo mortífero, gozo do paraíso da plenitude.

Quando falo sobre o resto que fica, me refiro ao que não teve uma representação simbólica e não pôde ser acessado porque foi recalçado. Nessa direção, por mais que a análise avance, há dimensões e aspectos do próprio inconsciente que jamais serão reveladas ou decifradas. Por isso que para Freud a análise é interminável e que Lacan define elementos para a cura, como o desembaraço do supereu, a queda do objeto *a* e a identificação do sujeito com seu *sinthoma*. No sentido de que existe ali algo que não vai ser possível ser decifrado pois o sujeito não vai ter acesso a todo um saber sobre ele mesmo. Não podemos ficar sem gozar, não podemos reduzir o gozo a zero.

Quando o sujeito reconhece o *sinthoma* como uma prótese artificial ao fim da análise ou como cura, ele vai começar a criar caminhos possíveis de satisfação, e não mais tanto as formas compulsivas ligadas a uma repetição ou a uma demanda. Alerto para a importância de fazer a articulação entre demanda e a lógica capitalista que produz enunciados como: oferta, procura, mercado, demanda, vamos produzir para quem e porquê? Sempre que se fala de demanda nas instituições, podemos pensar em articular com o sintoma, gozo, patologia, doença, em um nó e não em um laço social.

Para Freud, isto fica um pouco mais claro quando ele fala da solução de compromisso e do desejo, não o desejo inconsciente, mas um desejo na fantasia do inconsciente. Então, essa solução de compromisso que o sintoma ocupa é a realização do desejo na fantasia do inconsciente, que não é o desejo no sentido clarificado, mas no sentido da fantasia infantil. No sujeito neurótico, essa fantasia infantil fica produzindo os sintomas e, a minha hipótese é de que as organizações infantilizam os trabalhadores. A infantilização é um sintoma social para manter a servidão voluntária.

Vou dar um exemplo para tentar esclarecer esta suposição. Empresas, como os bancos, e esta lógica tem se estendido para as empresas públicas, têm usado a gamificação como estratégia de gestão de pessoas. O discurso com suas vozes superegoicas sustenta que as práticas são “impulsionar os funcionários a níveis mais altos de desempenho no trabalho” e “buscar o engajamento de forma que os funcionários se identifiquem e se sintam reconhecidos”. O jogo utiliza a premiação, em forma de moedas, para classificar os funcionários em categorias como “diamante”, “barras de ouro” e “moedas de ouro”, estabelecendo critérios para a premiação e promovendo a exclusão daqueles que não alcançam o mínimo demandado. Ainda, atesta que a “participação nesta ação de reconhecimento é voluntária e não gerará qualquer direito ou vantagem”.

O que estes jogos buscam é o engajamento psíquico e emocional dos funcionários, seja pelas promessas falaciosas de satisfação plena das suas necessidades, seja pela ameaça e medo de serem punidos. O caráter "lúdico" da competição produz a falácia: "nessa organização somos todos uma família". A organização passa a funcionar como um "jardim de infância", isso ocorre, considerando que é na organização que se satisfazem necessidades, estas que variam desde a sobrevivência até a realização de projetos de vida, e que são viabilizadas pelos salários, identidade e realização profissional. Para atender a essas necessidades, as organizações criam estratégias que servem para manter o vínculo cada vez mais afetivo das pessoas com a organização, o que pode levar a comportamentos infantis de dependência, recusa à crítica, resistência à mudança, competição, personalização das relações de trabalho e egocentrismo.

O grupo que entra no jogo talvez seja mobilizado por este afeto ou identidade. Mas todos têm que jogar, logo, não tem saída? Todos serão infantilizados e neurotizados? E os que não entram no jogo? Não é voluntária a participação? Falácia. Os que não entram ou não conseguem atender estas regras são eliminados. E o que acontece com eles? Não interessa aos acionistas, proprietários, e gestores identificados com o discurso e com as práticas do capitalismo e do neoliberalismo, ou seja, com o colonialismo enquanto uma lógica de expropriação.

Esse sintoma social e institucional vai dando lugar às rupturas dos laços sociais e assim, ao surgimento das patologias do trabalho, como a patologia do medo e da desconfiança, a sociopatia e a normopatia, a melancolização e a megalomania, a hiperconexão e a medicalização, e outras que surgem a partir dessas rupturas do laço social, e pelas injunções do supereu com as promessas de satisfação da pulsão. Sendo assim, a prótese é útil ao capitalismo para prosseguir suas estratégias de exploração, expropriação e colonização das subjetividades.

Estas patologias imobilizam a ação política e levam os trabalhadores a aceitarem o intolerável e o insuportável, como a competição exacerbada e a desestabilização emocional, efeito dos sintomas institucionais que se exprimem nas práticas de gestão de pessoas. Podemos ainda avançar nestas ideias afirmando que estas estratégias de gestão são um modo de assédio organizacional. A lógica é perversa. Sob o argumento da busca do bem estar dos empregados, observam-se verdadeiros disparates, como o disfarce dos objetivos econômicos e políticos pela valorização dos empregados no nível discursivo e, ao mesmo tempo, a simultânea e crescente descartabilidade dos trabalhadores enquanto prática como se não houvesse nenhuma espécie de incoerência nesses aspectos.

Assim, este sintoma institucional revela no discurso paradoxal sobre os aplicativos e a AI a eficácia da tecnologia para manter o bem estar do trabalhador por meio de

dispositivos de adaptação-ativa à organização do trabalho, uma nova forma de escravidão pela autoexploração de si mesmo. Partindo desse princípio, os artifícios usados nestes modelos de gestão buscam, ao nosso ver, a colonização do sujeito pelo discurso, o que leva à substituição do trabalho vivo pelo trabalho morto.

Para retomar as articulações com o sintoma como proposto por Lacan, falaremos sobre o desejo que escapa ao sujeito pela cena do sintoma, pela fronteira entre eles considerando que são e estão juntos no inconsciente, ou seja, no discurso produzido pela linguagem. Assim, o conceito de inconsciente é fundamental quando falamos sobre psicanálise relacionada ao trabalho e sobre as instituições, porque há os lapsos e as contradições e porque o sujeito aparece na cadeia de significantes. Porém, ele não vai aparecer de uma forma controlada, dominada, racionalizada como os modos de produção pretende.

Para Lacan, o sintoma aparece onde a palavra falta. Podemos dizer que o sintoma social institucional é causa da racionalidade do trabalho. A palavra sempre singular, diferentemente da voz e do discurso, falta, está interdita, bloqueada. No momento em que se fala, há uma possibilidade de simbolização, um corte no imaginário e uma convivência com o real. Quando a contradição é explicitada e reconhecida, é uma maneira de "des-sintomizar" - inventando essa palavra - de fazer o sintoma ocupar o seu

lugar artificial de prótese, liberar o sofrimento das garras do gozo.

É na clínica, considerando que nosso interesse central com estes seminários é pensar a clínica psicanalítica lacaniana orientada pelo real, com trabalhadores e nas instituições, que o sujeito vai descobrir, através da análise, a relação do seu desejo com o sintoma e com a satisfação fantasmática do inconsciente a qual ele serve. A partir da fala, os equívocos do sintoma vão sendo decifrados e o desejo coloca o sujeito em movimento. Desejo que é sinônimo de sujeito, é o próprio sujeito em ação face ao seu inconsciente, é o que já falei em outros seminários, trabalhar com seus sintomas é trabalhar com o inconsciente ao seu favor, considerando que nesta operação de trabalho - fazer-saber - o desejo aparece, sendo a partir dele que é quebrada as soluções de compromisso que produzem sofrimento pela satisfação equivocada da pulsão.

Para pensar sobre o trabalho do desejo, é interessante articular as ideias de Lacan sobre o *sinthoma* e o que estou chamando de sintomizar. Essa passagem, articula-se com a ideia que "amamos mais os nossos sintomas que a nós mesmos". Essa identificação com o sintoma é o que coloca em risco o trabalho do desejo, sendo por isso importante, a subversão pela desobediência irreconciliável ao supereu como imperativo do gozo.

Mas ao mesmo tempo, é uma identificação necessária no sentido que é importante mergulhar no mundo dos

sintomas para encontrar o desejo. Nesse sentido, essa identificação não é passiva, mas acontece com um sintoma transformado. Então, o *sinthoma* é esse sintoma transformado, não é algo da ordem da aceitação ou da resignação, mas é despojado dos engodos do imaginário e dos significantes, é reduzido ao seu núcleo central mais real. Por isso que Lacan diz que o *sinthoma* é o que o sujeito tem de mais real, está identificado, não quer abrir mão, está colado.

Podemos fazer algumas elaborações, ainda que elocubrantas para alguns, que a contradição capital-trabalho, que Marx (1867/2011) traz divinamente bem na crítica ao capital, é estrutural, é o *sinthoma*. A questão a ser posta é quando o sintoma, sem ser considerado na sua dimensão de prótese artificial, se transforma em uma solução de compromisso, é o tal faz de conta, por exemplo, "você é um colaborador". Essa é uma solução de compromisso, um artifício dos modelos de gestão para não se falar da contradição capital-trabalho. O trabalhador não é um colaborador, ele é um empregado, o patrão pode ser um empresário, o dono do negócio ou o estado. Existem direitos e deveres, um contrato de trabalho. A relação capital-trabalho é uma relação de direitos e deveres, deveria ser...O trabalhador não trabalha para um gestor, embora este possa ocupar o lugar de feitor, e tem ocupado pela vigilância, controle e abuso de poder que observamos na nossa clínica

a partir da escuta dos trabalhadores em situação de violência.

Essas são as falácias do discurso, as vozes do supereu que se traduzem nos eufemismos organizacionais: “aqui somos uma família”, “todos aqui têm as mesmas oportunidades”, “vestir a camisa”. Toda essa linguagem - que é uma linguagem muito usual hoje entre os influenciadores e profissionais de autoajuda e da positividade resolutiva neoliberal - são sintomas, no sentido radical freudiano, de produzir uma solução de compromisso para esconder a contradição capital-trabalho. O sistema capitalista tem na sua estrutura essa contradição e por isso, a maior parte das soluções de compromisso que são feitas, são sintomáticas e se transformam em patológicas.

Assim, tem se tornado cada vez mais distante o poder do ser humano no trabalho. Não existe colaborador, existe um empregado explorado, mal pago, sem condições de trabalho, e obrigado a obedecer por meio dos sistemas de punição e medo que os modelos de gestão impõem.

Nessa perspectiva, o *sinthoma* é a própria contradição da relação capital-trabalho, é a prótese artificial que se reconhece que existe, que é constituinte, é estrutural, mas isso não significa aceitar no sentido passivo, exige um trabalho que passa pela subversão a partir do desejo.

Esta é a saída que proponho para os profissionais que me demandam soluções. A saída não é a solução de compromisso, menos a satisfação pelo sintoma, mas a

simbolização das contradições e paradoxos que se encontra no inconsciente e nas fronteiras entre sintoma e desejo.

Quando se fala em desejo para Lacan, ele não está articulado a um discurso ou a uma cadeia de significante, ele é o furo dessa cadeia. O desejo trabalha. Já o sintoma é uma atividade incessante, no sentido da compulsão à repetição, do trabalho morto e do gozo pelo excesso que ele produz. Enquanto que o desejo é o trabalho vivo, é o trabalho em cima desse vazio do não saber. A cadeia significante está ligada a esse saber, o discurso diz sempre de um saber e o desejo diz de um não saber. Por isso que o desejo é assintomático, é o desejo que pode modificar o sintoma para o *sinthoma*.

Nesse sentido, e estou quase finalizando por hoje, o discurso que fazemos sobre nós mesmos é sempre sintomático porque é fruto de uma infância inventada. O discurso é sintomático porque o que se opõe, sobrepõe ou fura, é o que Lacan vai chamar de linha reta, o sintoma é o infinito. Então, o discurso é sintomático porque vai se opor ao infinito, não tem como ele não ser sintomático, e não tem como ele deixar de ser sintomático. O que me leva a pensar sobre a vida virtual que se propaga cada vez mais, o risco de sermos engolidos pela promessa, ainda que artificial, e aí encontra-se o risco da satisfação da pulsão e das fantasias inconscientes, o que seria viver eternamente prisioneiro do sintoma. Mas uma saída é possível - o desejo que dá flashes

---

na cadeia de significante tiranizada pelo discurso e é o que fala realmente de nós mesmos. O que fala de nós é o desejo.



## QUAL É O SEU DESEJO?

---

Nesse encontro, vou partir de algumas ideias do Seminário *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (Lacan, 1964/1985) para problematizar a minha proposição. Nesse seminário, Lacan vai falar do conceito de inconsciente, pulsão, repetição e transferência, que são os conceitos que ele considera centrais e onde é possível encontrar a frase clássica dele, "o desejo do homem é o desejo do Outro" (p.155). Essa frase é importante porque Lacan vai dizer, de alguma maneira, que o desejo do Outro sempre permanecerá enigmático para nós, porque a criança não tem acesso à linguagem e todos nós já fomos crianças, então não temos acesso ao desejo do Outro, pois não temos a linguagem, logo, ele vai ser sempre enigmático e está sempre relacionado a um objeto perdido.

Outra questão que Lacan trabalha neste seminário é a problemática da alienação e da separação, pois o desejo está sempre nessa contradição entre a alienação e a separação, então somos sempre alienados no desejo do Outro. Contudo, é na separação que chegamos, digamos assim, ao nosso desejo. Hoje, além desse texto, vou usar o meu livro *Desejar, Falar, Trabalhar* (Mendes, 2018) para trazer articulações com o supereu, juntos ao texto que está nos *Escritos* (Lacan, 1936-1966/1998) *Do "Trieb" de Freud e do desejo do psicanalista*, um texto curtinho, cinco páginas fundamentais para entender a questão do desejo em Lacan. Cinco páginas que

eu devo ter ficado umas duas horas lendo. Irei começar com esse texto de Lacan, e à medida que eu for avançando no texto, vou trazendo as articulações relacionadas ao trabalho, para podermos retomar o modelo da Psicopatologia do Trabalho que venho desenvolvendo, para entendermos o trabalhador que sofre, o trabalhador adoecido que chega no consultório.

Uma ideia importante que ele traz neste texto é a de que Freud não coloca pulsão e instinto como a mesma coisa. Em seguida, diz que a libido não é sinônimo de instinto sexual, como às vezes a psicologia faz crer ou usa em relação a uma moral que é estabelecida, faz uma crítica a psicologia, fazendo um contraponto com a psicanálise. Lacan diz também uma coisa bem bacana e bonita, que a libido é, na realidade, uma energia ligada muito mais à constância da vida, a cor da vida. A libido produz uma espécie de "bocaquiabertura" do sujeito. Na realidade, Lacan diz que o desejo é essa flecha de luz que aparece nas cores. Em seguida, ele vai dizer que o desejo tem uma lei, que é onde eu quero chegar no seminário de hoje, e que esses limites ou essa lei são impostos, ironicamente, pelo princípio do prazer, como fazer o corte, a castração, da relação de incesto.

É importante entendermos que quando falamos de desejo, não estamos falando de desejo igual à sexualidade, ou relação sexual, ou desejo sexual, ou instinto sexual. É primordial não entrar nessa dimensão, digamos assim, moral, que às vezes a própria psicologia traz, quando vai falar das

questões da libido, da pulsão ou da própria psicanálise. Nesse sentido, o desejo tem o corte, uma lei. A lei do desejo é exatamente a sua impossibilidade, e não é a impossibilidade como para Freud. Freud dizia que existe a questão do incesto, do recalque originário, do Édipo, e a lei entra para fazer a interdição dessa relação, enquanto Lacan vai trazer a ideia do objeto perdido. Então, o desejo tem essa lei da impossibilidade, porque simplesmente não existe o objeto que causa o próprio desejo. A ideia central do que seria a lei do desejo diz respeito a essa limitação, a castração, a impossibilidade, no sentido de que não existe o objeto causa do desejo, que é o objeto  $a$ . Não é que o desejo não tem objeto, mas o objeto que o causa é o impossível. Se não houver esse impossível como causa que movimenta - isso também tem a ver com a questão da falta e do falo - não é possível desejar.

O discurso neoliberal, as estratégias de gestão de pessoas, as estratégias organizacionais que as instituições têm utilizado, são da ordem do preencher, fechar, unir. Nesse ponto, a psicanálise vai no sentido contrário, quase na contramão, ao dizer que o limite é fundamental, nem tudo é possível. Hoje existe também nos ambientes de trabalho a ideologia do possível, em que tudo pode, tudo é possível, e se não acontece, é porque você é incompetente, você não procurou, você não sabe, não é empreendedor, não é gestor, não é assertivo etc. Então, o discurso neoliberal, o modelo de reprodução do capital e os modelos de gestão estão

pautados, sustentados, em uma ideologia do possível, como se houvesse uma solução, uma possibilidade de preenchimento de satisfação total.

A partir desse texto dos *Escritos* (Lacan, 1936-1966/1998) é possível destacar que o desejo tem uma lei e a lei se relaciona com a falta, ao impossível, ao limite, a castração em relação ao fato de que não existe uma satisfação total e não existe um único objeto, talvez nenhum objeto, capaz de satisfazer isso que o desejo busca, porque a pulsão não se satisfaz. É fundamental entendermos que o desejo tem a ver sempre com satisfação, que é outro elemento importante em relação ao capitalismo, em relação às ofertas de mercado e ao que se busca através da venda. O capitalismo vai vender sempre com o objetivo de satisfazer o cliente, o discurso é o de que o cliente tem que estar satisfeito, tem que ser fidelizado, esse é o discurso capitalista. Enquanto que o discurso do analista e o discurso da histérica vão na contramão disso. No mundo do trabalho a pergunta é: Como nós vamos trabalhar a questão do desejo?

Em espaços em que as pessoas estão sendo introduzidos aos conceitos de Lacan, pode haver confusão entre o conceito de desejo com o conceito de vontade e querer. Essas são dimensões do consciente que existem, que são legítimas, mas para a psicanálise, o desejo é inconsciente e vai se articular inevitavelmente ao objeto perdido. Na clínica lacaniana, quando falamos em apostar no desejo, o desejo não tem destino nem objeto, simplesmente é,

independente do objeto. Nós fazemos uma aposta no nosso desejo, que pode dar certo ou não, mas sempre será uma aposta, sem um destino certo, sem um objeto.

O desejo é uma aposta que nós fazemos, um risco em função de partirmos do pressuposto de que o objeto já foi perdido, isso nos referindo ao fim da análise. Enfim, essas são as duas afirmativas de Lacan muito importantes para entendermos a questão da lei do desejo. A primeira que diz que o desejo do homem é o desejo do Outro, a segunda trata sobre as desventuras do desejo, colocando o desejo entre a alienação e a separação, se aliena no desejo do outro para entrar na linguagem, se separa do desejo do outro para falar, para ser sujeito, para entrar na linguagem, qualquer que seja ela.

Uma contradição, um paradoxo, que é muito importante também para entendermos, tanto do ponto de vista da clínica, quanto da questão do ambiente de trabalho, é a proposição de Lacan de que as desventuras do desejo se encontram cercados, como se tivessem em um cercadinho do gozo, gozo que é espreitado por um deus maligno. A minha própria tradução seria “a desventura do desejo nas cercas do gozo que está à espreita de um deus maligno”. Isso quer dizer que o desejo está vigiado pelo gozo, e isso está ligado com a ordem do supereu, pois o supereu é o imperativo do gozo, é quem faz o gozo se movimentar, e é exatamente o desejo que vai impedir esse gozo (Mendes, 2018).

Poderíamos dizer que há uma guerra, uma luta, entre a lei do desejo e a ordem do supereu em relação a quais são os destinos da pulsão, para Lacan, gozo e sublimação. Assim, é importante identificarmos que o desejo sempre vai estar relacionado à pulsão, porque é a questão da satisfação. Porém, não é a satisfação de uma necessidade, uma vez que a necessidade tem a ver com o biológico, mas a satisfação da pulsão, representação no corpo e no psíquico, é mais uma construção social do que uma satisfação ou não.

Por isso a possibilidade de fazer articulação, por exemplo, com o discurso capitalista e com as questões sociais, dado que existe uma dose de social através da linguagem, da fala, do Outro, da simbolização, da inserção da criança na linguagem, que vai produzir uma construção social do que vai ser satisfeito ou não em relação à pulsão.

Temos então a pulsão como construção social, ou seja, ela é uma construção porque não se satisfaz. A pulsão é construída na relação com o Outro, ela tem um pé na excitação da criança de ter um prazer, como Freud explica na teoria da sexualidade infantil, ao discorrer sobre o prazer oral, anal, fálico, genital, e aponta, por exemplo, que existe satisfação oral quando a criança come, existe ali uma gratificação oral ao ser atendida essa necessidade, ou seja, o corpo é erógeno e dá satisfação. A necessidade é a fome, essa outra dimensão de satisfação, que é do corpo humano, não é uma coisa etérea, se articula com o desejo do Outro de que essa satisfação exista, esse além da satisfação da

necessidade, uma outra satisfação, um outro prazer nesse sentido também.

Importante destacar que a psicanálise, entre outras propostas, considera que nós somos movidos pela busca de satisfação, e penso que é onde o capital deita e rola, porque está dizendo que “isso aqui te satisfaz”. O capital se apropria disso e a forma como ele se reproduz faz com que a gente entre no discurso, faça essa adesão muitas vezes, porque vende ilusoriamente a ideia de que existe a satisfação da pulsão.

Ainda no Seminário 11, Lacan (1964/1985) argumenta que o sujeito não vai se encontrar na análise - essa é apenas a demanda que ele faz para o analista - porque o sujeito não é nunca finalizado, ele é um advir, ele sempre será algo que a priori ele não sabe o que é, e é pelo desejo que ele vai se constituindo nesse advir, isso está ligado à noção de desejo que eu estava discutindo.

Os modelos de gestão e o próprio capitalismo, por meio das propagandas, das redes sociais, dos aplicativos totalmente lúdicos e totalmente maravilhosos que foram criados, criam um espaço em que tudo é possível. Podemos pensar hoje nas ansiedades em relação ao trabalho, por exemplo, e na medicalização como uma forma de regulação das tensões. Então, se o trabalhador está fatigado, vai tomar remédio para ficar ativo, se está ativo demais, vai tomar remédio para acalmar. A medicalização - automedicação e

sob supervisão médica - nesses espaços funciona como uma forma de regular a pulsão.

O supereu fica espreitando o desejo porque o desejo não tem lugar, e no momento em que a sublimação barra o gozo, aparece o sujeito que fala, que deseja, que diz o que quer, porque, a priori, ele não sabe, precisa do espaço de simbolização, é isso que a análise vai permitir. Ou, dentro das instituições, um espaço de escuta é possível, talvez não no nível de trabalhar a transferência, por exemplo, mas de permitir a simbolização dessa ordem do supereu, que se contrapõe à lei do desejo, que mostra que tem um limite, que tem coisa que a gente pode, e tem coisa que a gente não pode, e há várias coisas que não vão ser possíveis. Esse é o fim da análise, a confrontação, o contato com o impossível, com a clareza de que por mais que eu faça, por mais que eu diga, não depende de mim o que vai acontecer ali. Fazer as coisas como uma aposta, como um risco, e não como algo que tem que dar certo, ou que vai ter que ter determinado resultado, isto é da ordem do supereu, quando o supereu atua, o sujeito fica ausente.

Lacan, no fim de seus estudos, enuncia que desejo e sujeito são sinônimos. Considerando isso, quando a sublimação barra/interrompe o gozo através de um processo de interpretação - esta que vai acontecer dentro de um consultório privado ou em outro espaço, mas que é uma interpretação do dito em relação ao dizer - e por meio da transferência estabelecida na relação analítica, é a partir daí

que vai aparecer o desejo e o sujeito: “Quem sou eu, o que eu quero, e o que eu vou fazer com isso?” É sempre um processo, o desejo vai a todo momento ser decifrado pela interpretação, ele só existe quando a gente fala, não existe a priori.

Algumas perguntas que se fazem na análise, mas que são importantes também no sentido social são “o que o outro quer de mim? Qual é o desejo do outro em relação a mim?” Primeiro, esse é um enigma, segundo, é indecifrável, ou seja, não adianta buscar descobrir o que o outro deseja de você, mas sim, pensar o que você quer para qualquer um. Esse é o seu desejo, que vai sempre se manifestar na fala e aparecer na relação, por isso tem a ver com a questão da transferência na análise. Nem sempre nós sabemos sobre o desejo, uma vez que ele está na cerca do gozo, que fica na espreita dele.

A destituição do Outro é algo que também acontece no fim da análise. Para Lacan, o Outro é uma ficção, não existe, no sentido de que nós, às vezes, nos importamos demais. Tudo isso que estou dizendo e que Lacan diz também, claramente não significa quebrar o contrato civilizatório, visto que desejo não é *vontarismo*, não é o narcisismo das pequenas diferenças, isso são as tiranias do supereu, exatamente o contrário.

O desejo é uma desventura, uma aposta, um risco, que está cercado pelo gozo que fica na espreita para desbancá-lo como um deus maldito. A partir dessa frase, podemos

imaginar um cercado, onde o desejo fica preso na cerca do gozo e quem está vigiando o cercado é esse deus maldito, o supereu. O supereu está atendendo a ordens do gozo, está vigilante para que o desejo não apareça, é essa sua função. O supereu é o gestor e o gozo é o operário padrão, de alguma maneira, tem a ver com a patologia da normopatia, da indiferença e com a questão da violência, evidentemente. Falei que era uma guerra, mas é um jogo, na realidade.

Lacan diz que o desejo está sempre se deslocando, por isso que eu falava que o desejo não é preso, não é a priori, não é identificado. O desejo está sempre se deslocando em direção ao que aparenta ser o objeto perdido, estamos sempre correndo atrás daquilo que supomos que irá nos trazer a satisfação que nos foi dada, sem a gente pedir.

O desejo está sempre se deslocando em direção ao que aparenta ser o objeto perdido. O desejo é livre, se não estiver aprisionado em uma tentativa de tamponar a falta constitutiva. No momento em que há a tentativa de preencher e de satisfazer, isso é o que vai aprisionar o desejo. Talvez podemos falar que o desejo está na cerca do gozo, ou na espreita do supereu que o está vigiando. Em uma situação de trabalho, isso acontece ao colocar os trabalhadores dentro da cerca e vários "supereus" na espreita. E quando se coloca o trabalhador na cerca, coloca-se ao mesmo tempo o desejo na cerca, porque para Lacan, sujeito e desejo são sinônimos, são correspondentes. Lacan sustenta que o objeto *a* é esse objeto perdido, perdido, mas necessário, porque

instaura uma falta constitutiva que faz o sujeito continuar desejando. E completa que esse objeto perdido, de alguma maneira, é o que distingue a concepção de objeto da psicanálise e de outras abordagens. Ainda neste seminário, Lacan faz a pergunta: "o que suscita meu desejo em um objeto do mundo ou em uma pessoa?" A resposta é que isso é algo indecifrável, não sabemos porque desejamos aquela coisa. No entanto, o capital faz propagandas para que a gente deseje aquele objeto, o que não é desejo, mas que é vendido como necessidade. Você já tem um iPhone, mas ele vai vender o iPhone 15, você não precisa mais, já está satisfeita, a pulsão não se satisfaz, o objeto já está perdido, 'para que você vai comprar o iPhone 15?' Porque o capitalismo existe, é o que move a sociedade e o que vai mexer com a nossa psique e nos fazer acreditar que algo vai ser preenchido. Porém, não vai preencher porque também é um objeto perdido, um objeto de mercado do capital que se reproduz exatamente produzindo novas demandas de mercado, e que o capital quer que realmente não preencha para poder vender mais. A lógica do capital, de alguma maneira, se equipara à lógica psíquica do circuito da pulsão invocante. É a lógica da perseguição de um objeto *a* causa do desejo, o objeto que o sujeito está correndo atrás.

Lacan reitera que o sujeito se interessa pelo brilho, textura, som, voz, cor, pelas faces simbólicas ou imaginárias do objeto *a*, que são as aparências, pois o objeto, em si, não existe. Como as redes sociais também jogam com o objeto *a*

é uma questão para refletirmos a respeito da articulação da psicanálise com o social, o político, e o trabalho. O modo como as redes sociais jogam com a aparência é muito complexo, elas não dizem que o avatar é uma aparência, ele não é vendido como algo que parece, ele é vendido como se fosse algo que real.

Lacan anuncia que “o que o sujeito reencontra não é o que anima seu movimento de tornar a olhar” (Lacan, 1964/1985, p.207), o que está relacionado ao que Lacan diz no Seminário 19 *...ou pior* “mas não é isso” (Lacan, 1971-1972/2012). Outra ideia importante que Lacan apresenta é que o desejo é indestrutível, ele se desloca em direção a um objeto que aparenta ser o objeto *a*, mas que quando ele reencontra esse objeto, isso não o anima para continuar buscando, porque de fato esse objeto não existe. É o paradoxo de continuar buscando aquilo que se sabe que não vai encontrar, é a lei do desejo, a impossibilidade.

O capital institui a industrialização do desejo, e a noção da indestrutibilidade do desejo se articula com a ideia de que o desejo não é localizável, uma vez que se desloca em busca desse objeto perdido. Nesse sentido, o desejo é indestrutível pois não é possível destruir algo que você não pega, não vê, não acha. O desejo só opera na relação com o outro, na fala, na transferência, na clínica ou em outro espaço que não seja a clínica, mas que permita uma simbolização, uma fala sobre o desejo. O desejo não opera sem a fala, sem eu dizer sobre o desejo, ele sempre está ligado a essa ideia do vir a ser, do

que ainda não é, mas não se sabe o que será. Parece um trocadilho, mas é muito importante.

No filme *A fuga das galinhas* (Lord & Park, 2000) as galinhas acham uma saída por cima do cercado, pois elas voam. Porém, como uma ovelha sairia do cercado, já que ela não voa? Isso nos remete ao trabalho do analista e ao que o analista vai fazer para tirar o sujeito desse cercado do gozo e da espreita desse deus maligno que é o supereu. Como o analista vai liberar o sujeito para ele se deslocar na busca desse objeto que é, aparentemente, o objeto perdido? Enfim, o fim da análise tem a ver com a diminuição do gozo, só que, naturalmente, isso vai ter um preço, o de se produzir um novo desejo, ainda aqui com retalhos do velho, no sentido de que o desejo é inconsciente.

Para Lacan, o nosso desejo, assim como está escrito em *O Banquete*, nos diálogos de Alcibíades e Sócrates, é o desejo de amar, e amar é querer ser amado, esse é o engano do amor, ficar nesse lugar do objeto causa do desejo do Outro. O fim da análise tem a ver com o sujeito sair desse lugar de causa do desejo do Outro, primeiro porque o objeto *a* não existe, e segundo, porque o Outro é uma ficção. O fim da análise também está ligado à angústia de amar, e de continuar desejando um objeto que, de cara, está perdido.

Nesse sentido, é primordial pensarmos em quais são os cercados que o gozo produz para o sujeito neurótico e para o trabalhador que está adoecido. O gozo produz cercados que podem ser lindos, se pensarmos no canto da sereia,

tendo o supereu, como uma sereia, cantando dentro de um aquário, essa é a cerca do gozo, onde o desejo está aprisionado.

Na análise, é essencial pensarmos em como o sujeito vai lidar com os seus sintomas, porque não sei se é possível tirar esse cercado do gozo, o que há é uma diminuição do gozo no final da análise. Pensei em aquário, pensei em uma ovelha, mas se você tira o cercado, a ovelha sai e a raposa come, isso nos ajuda a estudar o sintoma como tendo uma dimensão de gozo, como algo que aprisiona o desejo no cercado pelo gozo.

Nos *Escritos*, Lacan (1936-1966/1998) repete que o desejo é o desejo do desejo do outro, o que está articulado com a questão da satisfação e do ideal do eu. Quando Lacan escreve sobre as desventuras do desejo nas cercas do gozo, que está a espreita de um deus maligno, eu proponho que esse deus maligno é o supereu, Lacan não diz, mas evidentemente que é, isso vai ser dito de outra maneira em outros textos de Lacan. Nesse texto, Lacan também postula que a pulsão é o que divide o sujeito e o desejo, e que o desejo só se sustenta pela relação que ele faz dessa divisão, em relação ao objeto que ele causa.

O desejo está no discurso, na fala, na simbolização, aparece na transferência, e está em movimento. No ambiente de trabalho, a repetição também é mal vista, é preciso eliminar todo tipo de repetição, inclusive há os programas de

estímulo à criação e à inovação nos setores públicos e privado.

A análise é o sujeito mergulhar no seu sintoma, não eliminá-lo. É nesse mergulho no sintoma, que tem a ver com a repetição, que o desejo será interpretado e aparecerá, na análise, por meio da transferência, para que o sujeito saiba qual é o seu desejo. O desejo sempre vai ser alienado ao desejo do Outro, mas Lacan trabalha ao mesmo tempo o desejo em relação à alienação e à separação. Apenas o próprio sujeito vai dizer qual é o seu desejo, ninguém jamais saberá qual é o desejo do outro, nem de si mesmo, se não falar dele.

Assim, a pergunta 'Qual é o seu desejo?' é inexoravelmente associada à existência ético-política do sujeito e é essencial na escuta psicanalítica em qualquer contexto. É uma questão que interroga também a própria psicanálise e o analista. Também implica pensar as relações sociais de poder articuladas a alienação pelos determinismos do inconsciente, sociais, históricos e políticos quando faz uma demanda, uma exigência de resposta, que não existe fora do laço social e da fala singular, no simbólico. Assim, seguir nessa interrogação pode ser uma saída para a desobediência irreconciliável essencial à subversão do trabalho do desejo.



## **TRABALHO SUBVERSIVO DO DESEJO**

---

Vamos começar nossa discussão falando do objeto *a*, aquele que faz o enlace dos três registros R.S.I. que se cruzam e são independentes na constituição do sujeito, objeto que tem algo do impossível na sua proposição.

Esse nó que enlaça os três registros é que permite o movimento do sujeito, é ele que faz a intersecção dos três - o objeto *a* - é o vazio, é o buraco, como Lacan denomina. O buraco que circulamos sem cair nele, pois se cairmos, podemos nos atolar. Ele alerta que não se trata de atravessar o buraco, não é através dele, mas sim de girar ao redor dele. Existe um giro nesse buraco que produz a intercessão fazendo as outras pontas do nó circularem, o que é, no fundo, a circulação mesmo da pulsão. A pulsão circula, como a energia no circuito elétrico, por isso, eu suponho, se bem entendo, que ele apresenta a ideia do circuito da pulsão invocante, que temos usado bastante na nossa clínica com trabalhadores. É um circuito porque é uma circulação dessa libido, energia, excitação, impulso, força, que eu falei bastante também no encontro passado, que é pulsão, que não se satisfaz, ainda que tenha seus objetos de satisfação como proposto por Freud no texto *A pulsão e seus destinos* (Freud, 1915/2010), os quais tenderão a desaparecer fazendo com que a pulsão siga circulando no seu próprio circuito, sem objeto e sem destino. Quem vai produzir efeito nesse destino é a operação da sublimação pela intervenção do

analista, pela presença e ato, no real, abrindo a brecha do inconsciente para o desejo aparecer, sendo este um modo de subverter os determinismos inconscientes, sociais e históricos da pulsão. Retomaremos esta discussão mais adiante.

A partir desse texto de Freud, podemos pensar na pulsão como um cordão ao infinito que articula os três registros. Freud irá dizer que do resto da passagem pelos objetos parciais da satisfação da pulsão, uma parte produz a neurose, uma outra a psicose, e uma parte dessa corda segue, que seria a sublimação como destino da pulsão, operação que permite a circulação pulsional e onde a pulsão fica plástica em relação aos objetos.

A sublimação faz a pulsão circular sem objetos fixos, com pluralidade de objetos, hoje é esse, amanhã é outro, depois de amanhã outro, depois outro e depois outro. O capital tenta nos fixar em objetos quando faz a oferta de mercado e enuncia que seja precisamente tal marca e determinado objeto, forjando assim, objetos da pulsão, que seria criar demanda e necessidade que aparecem como desejo. É uma das falácias do capitalismo prometer satisfação pulsional por meio do consumismo e da acumulação. É um risco ao sujeito e à sua subjetividade tanto quanto para os laços sociais, atar a pulsão a um ou mais objetos, usurpando sua condição de ser livre e em movimento.

Retomando, o objeto *a* é o buraco, não no sentido da falta, mas no sentido de vazio. Esse buraco vazio não é para ser atravessado, mas é o que faz as três linhas se enlaçar e

darem o nó. Se elas se soltam, não existe sujeito. Quando uma dessas linhas se solta, as outras se soltam juntas. No final do seminário 22, Lacan (1974-1975) escreve 'se a linha soltar, meu conceito de sujeito foi pro ralo'. O que dá o nó é o objeto  $a$ , é o buraco que fica entre elas, o que fará com que elas se soltem, mas não se dispersem, não deixem de existir.

E o que o desejo do analista tem a ver com isso? Antes de falar do desejo, vamos tratar do discurso do analista articulado a noção de real e seus efeitos, o que possibilita desconstruir a posição discursiva do analista, que pode ser encarnação das normatividades sociais, ainda que o discurso do analista, como estudado por Lacan, considera o agente do discurso o objeto  $a$ , que é o impossível. Nesse sentido, podemos pensar que não existe desejo do analista, voltaremos a esta ideia mais adiante.

Iremos ter acesso a essa constituição do sujeito no *après-coup* - só após-, no ato analítico que produz uma elaboração do efeito do discurso do analista no real ou discurso real do analista no simbólico. Essa é uma forma de compreender como os registros estavam organizados. Não se vê a priori a organização da nossa própria constituição, vemos no efeito de sentido, no discurso ou no efeito do discurso.

Estou fazendo toda essa introdução, essa síntese sobre o que que é o imaginário, o simbólico e o real, esse resumo de como Lacan chegou a esse desenho, tentando organizar

essa ideia, para entrar na questão fundamental que é a clínica, o discurso do analista e o seu desejo. O que é esse ato que vai fazer com que os psicanalistas que trabalham em instituições ou em consultórios, acessem esse sujeito a partir de um lugar que o discurso do analista ocupa? Então, Lacan pensa esse quarto elemento, o objeto *a*, como um buraco não para ser atravessado, mas para colocar em circulação a pulsão. Mais tarde, ele chama essa circulação de circuito, circuito da pulsão invocante, como já mencionei. Este circuito da pulsão se movimenta a partir e dentro desses três registros que constitui o sujeito. Portanto, entender o que é o sujeito para Lacan a partir dos três registros e a lógica dos quatro discursos é fundamental para fazermos uma leitura da cultura, do social e do trabalho articulados à noção de sujeito. É praticamente indissociável o estudo dos três registros, dos quatro discursos e da teoria da pulsão, como elementos estruturantes básicos para a compreensão da clínica destinada aos trabalhadores.

Outra categoria teórica que está relacionada aos três registros é o desejo. Ressaltamos que pulsão e desejo são distintos conceitualmente, embora se articulem. Esta é uma distinção importante para pensarmos e refletirmos, pois quando o capital coloca a necessidade como desejo, ou o desejo como necessidade, ele fixa o sujeito no circuito da pulsão invocante ao oferecer objetos de satisfação da pulsão. O capital faz uma promessa de que a pulsão pode se satisfazer por meio de um objeto, e isso não é possível. Além

disso, quando o capital profere que o desejo é algo determinado, o desejo sai do lugar do que seria o desejo para a psicanálise, que é algo ligado a cadeia de significante, a essa circulação da própria pulsão em muitos objetos.

Nesse sentido, somos seres da satisfação, e isso movimenta o desejo. Mas se pensarmos que a satisfação não é plena, não é total e que não há nenhum objeto que vai ser suficiente para nos satisfazer, porque somos regidos, não pelo instinto, mas pela pulsão e a pulsão não se satisfaz, ficaremos mais relaxados nessa tentativa de encontrar o objeto, já perdido, e a satisfação que não se repetirá. A pulsão nos engendra uma busca que nos aprisiona, nos amarra, à medida em que há uma suposição de satisfação, e a satisfação está ligada aos instintos, às necessidades e não à pulsão.

Em contrapartida, a pulsão não se satisfaz porque há uma representação psíquica, ela é subjetiva e intersubjetiva, não é um instinto. A distinção entre necessidade, vontade e desejo é fundamental para entendermos como o capital, o discurso capitalista e o discurso dos modelos de gestão produtivista vão capturando o sujeito, ao trazer a dimensão da satisfação relacionada à pulsão como se fosse desejo. O capital produz um equívoco, é o engodo, é o engano.

Precisamos ficar atentos a essa falsa promessa de que se você desejar você vai conseguir, você vai ter a satisfação. O princípio neoliberal está nesta lógica do "você pode", "você faz", "você quer", surge então a questão do *vontarismo* que

se articula também ao narcisismo e às relações de poder e saber. A injunção “eu quero, eu posso, eu faço” é neoliberal e produtivista, pois o sujeito liberal está relacionado ao individualismo, e nos dias atuais, forjado no sujeito delirante. Na perspectiva do capital, o sujeito é capturado quando supõe que realmente pode e que realmente vai ter sua pulsão satisfeita através de um objeto específico. Esse é um engodo pois não há sequer objeto, a corda está solta por aí circulando e não existe satisfação. Há satisfação das necessidades, mas não da pulsão, o desejo é o que faz movimentar, e é constituinte do sujeito, isso tem relação com o buraco que é o vazio. Imagino que teríamos que fazer uma elaboração futura partindo de outros temas para discutirmos sobre a teoria do desejo. Esse livro é ponto de partida.

Apresentei esta rápida introdução para falar de questões um pouco mais concretas e chegar na clínica e em algumas questões ligadas a esse discurso do analista, esse efeito de sentido, porque é a partir dele que visualizamos como essas linhas dão nó. O que faz o nó no R.S.I. é exatamente o dizer, por isso que eu estou falando do buraco, pois esse dizer, esse vazio, tem a ver com o impensável, com o impossível, com o inominável, o que vai totalmente na contramão do que o modelo capitalista produtivista propaga.

Estou elaborando isso agora a partir do que estava dizendo antes, o objeto *a*, buraco que é o vazio, é o dizer e o dizer não é o dito. O dito é o discurso, o enunciado, enquanto o dizer é a fala singular, que se articula com o

desejo. Agora vou comentar uma ideia importante, que vai fazer o nó e vai juntar essas linhas para que elas não se rompam no final, não fiquem soltas, produzindo as deformações do sujeito, que é a ausência do registro do real. O trabalho como sintoma é uma recusa, ou uma ausência desse buraco, entre aspas, sendo isso que poderá produzir uma deformação nas linhas. Ou seja, o buraco não existe como o vazio, ele é extraído, espremido, apertado, fazendo a deformação das linhas que compõem o nó borromeano. Na organização do trabalho Taylor-fordista, a partir da racionalidade econômica, instrumental que leva ao trabalho morto, trabalho produtivista e a lógica da qualidade total - e eu insisto em dizer- em todo modelo de gestão dentro do sistema de produção capitalista neoliberal digital, como ilustrado nas noções de empreendedorismo e do sujeito liberal- não há quase espaço nenhum para esse vazio. O espaço é totalmente preenchido. Inclusive, o capitalismo digital é um preenchimento de espaço, o trabalhador não tem intervalo, já entra direto nessas plataformas, há uma usurpação do espaço vazio. Para a teoria lacaniana, para a psicanálise, é no espaço vazio que o sujeito floresce, e para Marx, é no vazio que o trabalho vivo se constrói. Tem que respirar, tem que parar, tem que refletir para poder vir uma ideia, para poder vir algo, para algo poder ser. No entanto, o capital tira todos esses espaços o tempo todo, e no trabalho em plataformas, os espaços vazios são ainda mais restritos. Entra-se nesse ritmo de ocupação de tempo, é literalmente

ocupação de espaço e já não temos mais tempo nem de respirar.

Entrei mais na questão da crítica social, mas irei voltar para a psicanálise. As duas estão articuladas na clínica com trabalhadores, minha intenção não é trazer a psicanálise para o trabalho, mas o trabalho para psicanálise. Por isso vou interromper o que eu estava dizendo, vou continuar com a psicanálise e volto depois para questão do trabalho para tentar explicar alguns fenômenos.

O buraco é a ausência do buraco, porque ele faz as linhas do R.S.I. circularem. O trabalho conectado a plataformas e a hiperconexão podem forjar o preenchimento desse buraco, necessário para constituição do sujeito, produzindo assim, deformações nas subjetividades. Há um tipo de 'operação tapa-buraco', em que não pode haver o mínimo de vazio, essa operação gera essa deformação, por exemplo, as linhas do imaginário espremem o real, o real espreme o imaginário. O que nos interessa nessa lógica é entender a forja de sujeitos pelos discursos e práticas colonizadoras, tirânicas, totalitárias que excluem os limites da vida humana, do corpo, e as impossibilidade de tudo saber, tudo ser e tudo ter.

Considerando que a pulsão circula nesses registros, esses são os modos de subjetivação ligados aos modos de gozo. Lacan estuda os modos de gozo e as estruturas clínicas a partir de como esse buraco vai funcionar para cada tipo de deformação. A psicose no registro do imaginário e do real; a

neurose no registro do simbólico e do imaginário; a perversão na recusa do real. Todas as elaborações que Lacan faz sobre as estruturas clínicas, os modos de gozo, os tipos de sujeito, têm a ver com os três registros. O estudo do sujeito é o que me interessa, o sujeito, a pulsão e o trabalho. O sujeito está nesses três registros em que a pulsão está envolvida e o trabalho também. As estruturas clínicas e os modos de gozo não são o que dirige a clínica com trabalhadores, temos críticas a estes conceitos, tanto do ponto de vista da universalidade que a noção de sujeito pode assumir quanto da normatividade que acompanha o conceito de estrutura e os riscos psicologizantes e, como tal, despolitizados, que o conceito de gozo pode imprimir. Com isso, alertamos para a necessidade de cometer transgressões conceituais para fazer a psicanálise assumir a condição de subversiva.

Dito isso, o que faz nó? O que faz nó é o dizer, e não o dito. Lacan fala que o dito são as palavras, - diferença da palavra e do gesto. A palavra é o *blá blá blá* e o *blá blá blá* é o que está no inconsciente e vai saindo, então a palavra não diz nada. Mas não diz nada entre aspas porque depois ele vai dizer que quem não diz nada é o analista, não diz nada no sentido de não ter *blá blá blá*. Claro, quando ele diz que o analista não diz nada, é no sentido de que o analista tem um gesto, não palavras. O gesto pode até ser uma palavra, mas não ocupa este lugar.

Parece paradoxal porque o que dá nó é o vazio. Então, isso significa que sem vazio não tem sujeito, se o vazio é o que dá o nó, e o que junta o imaginário, simbólico e o real é que faz o sujeito, se não, o que há é um buraco. Se não tem um vazio, não tem sujeito, tem uma deformação, um adoecimento, tem uma outra questão, mas não tem um sujeito circulando livremente no circuito da pulsão invocante. Isso implica no paradoxo de que é o vazio que dá consistência ao sujeito, é algo fora do sentido, como podemos falar sobre a consistência do imaginário, das representações, dos discursos e ideologias.

Nesse sentido, a consistência como vazio é o efeito do sentido e é dado pelo discurso do analista, que tem o objeto *a* como agente. Mas o real do discurso do analista está em furar os esquemas do imaginário para produzir efeito no simbólico, o que implica a produção de um saber singular próprio ao sujeito e seu sintoma, seria passar a *sinthomizar*. E esse é um discurso sem desejo? É um discurso sustentado na normatividade e nesse sentido colonizador? Então, qual é esse discurso? O que importa da posição do analista que produz a cura pela análise? São questões para elaborar nos próximos seminários e talvez não tenham respostas, se considerarmos que o analista tem um fazer-saber que implica em jamais ter acesso ao efeito que ele tem sobre o analisante.

Retomando, o imaginário seria da ordem da imaginação, mas Lacan diz que existe o real do imaginário

que é o ex-istir do real, então não é só imaginação. A fantasia, ou o imaginário para Freud, não é uma invenção, não é uma imaginação. A invenção é a invenção do sentido, aí é que está o imaginário, porque o sentido não existe dentro da cadeia significante. O imaginário seria supor que existe um sentido, por isso que ele diz que toda consistência é pura imaginação, porque a consistência não existe, porque a verdade não existe, porque o saber não existe, o que existe é o inconsciente.

O inconsciente, para Lacan, é algo que está na cadeia de significante pelo discurso, a gente só vai entendê-lo no discurso, ele não existe enquanto instância ou enquanto tópica como Freud pensou, ou enquanto lugar. Aí encontra-se o paradoxo do discurso, sem ele não acessamos o inconsciente, mas é ele que aliena o desejo no desejo do Outro e desse modo, o sujeito. Assim, é preciso fazer operar o discurso do analista, ainda que alienado, para sair da alienação produzida pela consistência dos significantes. Logo, o analista faz um discurso para destituí-lo. E nesse movimento, o desejo é inatingível, porque o analista não faz uma fala singular porque não é dele que se trata. Esse jogo é a posição que impede o desejo de ser atingido.

Retomando, a consistência é efeito do sentido que é dado pelo discurso do analista, e esse discurso opera no buraco. Neste buraco circulam as três linhas e os três registros, por isso que a consistência está no vazio, está no que não se sabe, no que não é acessível, está no impensável,

no impossível. Este é um paradigma completamente diferente para pensarmos as relações sociais, as instituições, o modelo de trabalho, a prática profissional, a própria clínica, a própria vida de uma forma mais ampla, no sentido de que é muito complexo viver assim nesse mundo quase propriedade dos humanoides.

Lacan (1974-1975), ainda no Seminário 22, diz que tentamos encontrar, mas ficamos na busca, porque operamos no discurso para dele se desalienar. As formas de resistir a isso representam um trabalho vivo, o analista não tem desejo, mas tem trabalho! É um trabalho no sentido do fazer-saber de operar no vazio, para fazer circular os três registros, e assim, o sujeito, o circuito da pulsão invocante, e dar movimento a cadeia de significante.

Não é que o sujeito não vai ter um saber, mas é um saber que o sujeito vai construir sobre ele mesmo e que tem a ver com o desejo. O fim da análise ou o movimento subjetivo do analisante seria exatamente essa construção de um saber singular sobre si mesmo, a partir de um efeito de sentido que é dado pelo discurso do analista, que opera no vazio, no buraco e faz circular os três registros.

O que temos que fazer enquanto analistas é falar o impensável, falar na ordem do que não foi pensado para que se possa construir um saber. Isso também tem a ver com processos democráticos, com a experiência do sujeito. É preciso quebrar o discurso por esse impensável, para pensar outra coisa, para pensar uma coisa que seja singular, que seja

própria daquele lugar, daquele grupo, daquele sujeito, isso é ir na contramão do discurso capitalista, e principalmente do capitalismo digital, que segue padronizando tudo. Se nos anos 90 o capital padronizava com a globalização, a flexibilização, a acumulação de produtos e com a reestruturação produtiva, atualmente temos uma lógica dos humanoides.

No capitalismo digital, tudo é pensado, há um sistema de programação de comunicação - a inteligência artificial - programada e desenvolvida analogamente ao humano para ditar as regras, é algo que já está pré-definido. Não tenho intenção de aprofundar esta discussão, nada entendo da AI e por enquanto não tenho interesse em entender. Quero mesmo é ressaltar o lugar da experiência, o lugar da surpresa, que é quando a gente se surpreende com a gente mesmo, a presença do sujeito, a experiência de se surpreender com você mesmo, com algo que você nunca tinha pensado.

Ao longo do seminário 11, Lacan (1964/1988) discorre sobre a função do analista como objeto  $a$ . Isso implica que o objeto do desejo do analista é um efeito de perda no enlace do R.S.I., ou seja, o objeto  $a$ , que é encarnado pelo analista para fazer seu discurso. Essa formulação tem a ver com a ideia de que o sujeito chegaria com alguma problemática onde algum desses registros não estão funcionando, em função do ponto de intersecção das linhas, o objeto  $a$ , não está possibilitando que os três registros façam o sujeito saltar

na cadeia de significantes, então o sujeito adocece. O discurso do analista seria uma operação para restaurar o enlace das três linhas e liberar o sujeito e o seu desejo. E a única garantia que ele tem é o seu desejo inatingível por estar no lugar de objeto e não de sujeito.

Poderíamos fazer várias elaborações a partir desse raciocínio que desenvolvi agora, é possível pensar nas deformações do sujeito a partir das queixas que os trabalhadores que são atendidos na nossa clínica trazem desse mundo do trabalho que é deformante da subjetividade. Nesse contexto, o sujeito que adocece é o sujeito que está des-subjetivado. É um artifício claramente vinculado ao sistema de produção capitalista, não apenas de quem tem um vínculo de trabalho, mas com o que a própria sociedade vem fazendo em termos de ideal do eu, em termos de performance, e das exigências das redes sociais, são formas deformadoras da subjetividade. Se o buraco se estreita, as linhas vão ficar tortas, esses desdobramentos seriam as configurações da subjetividade. Há muitos estudos ainda a serem feitos sobre estas configurações no campo social do trabalho.

Lacan (1964/1988), ainda traz uma outra ideia no seminário 22, representada nos círculos das linhas e na intersecção que representam os três registros R.S.I., além da consistência, deformação, que é a ruptura. Ele comenta que precisa haver uma ruptura de uma linha para que as outras fiquem desatadas, é a ideia de romper para liberar, essa é

uma ideia importante. O que precisa ser rompido está articulado à questão da perda que o objeto *a* encarna. Isso tem a ver com o discurso capitalista, que profere a ideia de que não se pode perder, é a ideia do lucro sempre.

Outra questão que Lacan traz nesse seminário é sobre a perseverança, questão pensada no modelo insistir, resistir, desistir e persistir (Mendes, 2018). O persistir tem a ver com a perseverança e com o desejo, que são exatamente os efeitos da surpresa, o encontro com algo que vem de nós mesmos, a feliz surpresa, se surpreender consigo mesmo. O desejo tem a ver com o insistir, o desistir e o resistir estão relacionados com o supereu que impõe ao sujeito ceder seu desejo ao Outro e pelo Outro. O desistir e o persistir têm a ver com a repetição e com gozo, no sentido de que no circuito da pulsão invocante, no caso da voz especificamente, é bloqueado por uma injunção do supereu. Então, o sujeito desiste do seu desejo, entrega seu desejo ao outro ou pelo outro, desiste de desejar, passa a ser objeto do outro e tem uma satisfação com isso, satisfação a mais, que é o gozo.

Formulei estes tempos desistir, resistir, insistir no livro *Desejar, Falar, Trabalhar* (Mendes, 2018), e tomando como referência alguns autores como Alain Didier-Weill (1998) em *Os três tempos da Lei* e o próprio Vivès (2020) em *A voz no Divã*, que falam sobre o circuito da pulsão invocante, especificamente. Trago isso e faço uma certa generalização, no bom sentido, propondo analogias e correspondências que ajudam a explicar as questões do mundo do trabalho. O

insistir, o desistir ou resistir são sempre em relação ao seu desejo, eu desisto do meu desejo; eu resisto a entregar, a ceder o meu desejo; eu insisto no meu desejo e eu persisto no meu desejo.

Outra ideia que ainda precisa ser desenvolvida é a questão da perseverança, que é o persistir no seu desejo. A perseverança não é a espera, nem a esperança. Jean-Michel Vivés falou disso numa conferência realizada na Universidade de Brasília em 2019. A espera está ligada ao desistir ou ao resistir. O desejo está ligado ao insistir e ao persistir. A perseverança é efeito da surpresa, está ligada ao saber sobre o seu desejo, mas um desejo livre, porque não está ligado a nenhuma condição ou a nenhum objeto. No momento em que o desejo se liga a uma condição ou a um objeto, não é mais desejo, é demanda, e se é demanda, está ligada ao Outro, ao gozo, à repetição, à desistência ou à resistência.

Escutamos muito no discurso neoliberal "eu posso, eu faço e acontece", poderíamos pensar que seria a forma, ele está repetindo, ele cede o desejo como forma de resistência, resistência a ceder o seu desejo ao outro, mas continua cedendo. A perseverança é perseverar no seu desejo, que pode se realizar ou não, e você pode ser surpreendido quando persevera no seu desejo e fala para o outro. Pode ser que aconteça ou não, porque é uma interlocução, uma relação entre sujeitos, uma relação entre desejo, não demanda. A demanda seria da ordem do "faça isso, que eu te dou isso" ou "se isso acontecer, vai ser assim", há muitas

vírgulas. O desejo é um ponto final, eu desejo isso, ponto, não existe o *mas*.

Jean-Michel Vivès fala em uma de suas conferências que quando esperamos, a tendência é a possibilidade enorme de se frustrar, enquanto quando a gente persevera, podemos nos surpreender, pois a perseverança tem a ver com desejo. Porque se eu estou buscando, eu espero encontrar alguma coisa, é neste ponto que o sujeito se esborracha, se atola. Quando o circuito é regido pelo desejo, não se espera nada, simplesmente se deseja, ponto, e se surpreende. Ou não.

Em relação aos três registros enlaçados pelo objeto *a*, ou seja, o sujeito e enquanto tal, sujeito do desejo, há algumas questões que ainda quero ressaltar. A primeira é que não se trata da eliminação das linhas, mas de como elas estão configuradas. A segunda ideia é a diferença entre equivalência e correspondência, que parece sutil, mas é fundamental. Algo corresponde, não equivale, porque a equivalência tem essa ideia de igual. A terceira ideia é sobre a importância da devastação para haver o despertar, trata de quebrar a ilusão. E por fim, destacamos o que Lacan diz sobre o discurso do analista, ao sermos sujeitos do discurso, é árduo abrir caminho para o discurso do analista.

Este discurso parte do vazio, do dizer nada - e eu articulo - do nem poder, nem saber, eu diria que essa seria a posição do analista. Quem vai dizer? Quem vai saber? O analisante. Isso serve também para pensar o mundo do

trabalho, embora seja bem desafiante e árduo abrir caminho para o discurso do analista no espaço institucional. Mas não há outra saída senão trabalhar, se desejamos fazer um trabalho que considere o sujeito.

Essa lógica do “não pode nada, não sabe nada, não diz nada” é difícil de ser assimilada em tempos de colonização da subjetividade. Aí é que está o problema central do colonialismo e seus efeitos em relação às violências, brutalismos e de segregações que a gente tem vivido fortemente nas sociedades atuais. Sugiro a leitura do texto *O estranho* (Freud, 1919/2010) para compreender a ideia do que é superior, inferior, diferente; e do texto *A transitoriedade* (Freud, 1915-1916/2010) em que Freud discute sobre a questão da morte, do luto e do diferente. Se pensarmos no nazismo, na escravidão, nos fenômenos terríveis das tiranias, fascismo, nas segregações, na guerra, há diversas questões principalmente econômicas e políticas, mas a questão da colonização permanece. Essa ideia de eliminar o diferente faz parte da nossa psique e se reproduz na sociedade, porque o estranho, como Freud diz, é para você mesmo, é isso que vem do inconsciente. Evidentemente que a discussão sobre a colonização compreende questões de outras ordens, históricas, antropológicas, sociais, políticas, *O estranho* apenas alimenta as reflexões.

Ainda a respeito dessa discussão sobre *O estranho*, é o diferente que exerce um efeito na nossa subjetivação. É disso que se trata, da diferença. Assim, a questão da diferença e

desse estranhamento, daquilo que é diferente e que não cessa de se inscrever, tem um forte efeito sobre os laços sociais ou as questões sociais e históricas.

Retomando o discurso do analista e seu desejo inatingível, o analista irá produzir efeitos de interlocução. Interlocução que é efeito do discurso do analista, que é a intersubjetividade do discurso, onde o sujeito se constitui a partir de uma história e de uma historicização dos fatos atuais pelo discurso do analista, que vai fazer com que o sujeito produza uma outra história, e possa mudar seu próprio destino. O discurso do analista permitiria essa interlocução dele com o paciente e do analisante com ele mesmo, é a surpresa consigo mesmo.

É por meio do discurso do analista, na clínica, que temos acesso a esses registros do sujeito, as configurações da subjetividade vêm a partir de um efeito, não são a causa.

A minha proposta final é fazer uma articulação com a clínica com trabalhadores, na qual se entrelaçam a história do trabalho e a história do sujeito, não com o sentido de equivalência, mas de correspondência. Lacan faz uma correspondência entre a questão da historicidade do sujeito, que vai ser reescrita ou vai ter uma retransmissão desse discurso gravado pelo discurso do analista com a história daquele paciente, isso serve muito a quem atende trabalhadores nas instituições.

Pensar em como a retransmissão do discurso gravado pode ser quebrado a partir da história do trabalho daquela

pessoa naquela instituição. Esta é uma hipótese que trabalho na minha clínica, e que penso que seria uma possibilidade de quebrar o discurso capitalista através do discurso do analista, trazendo a historicidade do trabalho. Reconhecer e acessar a historicidade do trabalho para que o sujeito faça esse reconhecimento autêntico da fala que é feita sobre o trabalho dele. Nessa direção, o analista que faz a escuta de trabalhadores não pode imaginar que ele deseja fazer análise, o desejo dele é que o trabalhador fale. O desejo é do trabalhador e não do analista.

Mas afinal, qual o desejo do analista? Uma pergunta que não tem resposta quando articulamos a psicanálise e a crítica social para fazer uma clínica com trabalhadores. A categoria trabalho impõe uma materialidade na escuta que coloca em xeque o desejo do analista, considerando que ele está inserido nos modos de produção capitalista. Ficar na posição ética de apenas desejar que o analisante venha a sessão e fale, e entender que seu desejo de fazer o outro desejar é inatingível, ou seja, ocupar a posição de objeto  $a$ , é pouco frente às graves devastações que os discursos produzem na subjetividade. O desejo do analista é além de ético, político. É uma escuta que exige uma posição política frente aos discursos, ainda que o discurso do analista seja uma alternativa para fazer frente ao discurso capitalista. É importante pensar nas relações sociais de poder que atravessam esse desejo. Recomendo a leitura da dissertação

de mestrado de Lima (2025) sobre a clínica com trabalhadores e os atravessamentos da colonialidade.



## **O DESEJO NÃO TEM MAS, É UM PONTO**

---

A clínica com trabalhadores em adoecimento, em sofrimento, tem uma especificidade no que diz respeito à posição do analista. É essa posição, diferente de lugar que indica uma fixidez, que vai fazer a diferença em relação a psicologia e outras disciplinas que usam a escuta nas suas práticas. O analista, na escuta destinada aos trabalhadores, se confronta inexoravelmente com as questões de classe social, de gênero e de raça articuladas às relações de poder, saber e verdade, dimensões que atravessam o colonialismo. Um destaque é dado às produções discursivas e a materialidade do trabalho. Afinal, de que trabalho falamos? Essa é uma questão fundamental para o analista que escuta trabalhadores.

Para pensar esta questão e chegar na questão do desejo, que não discurso, mas que se articula com o discurso da histórica como estudado no Seminário 17, *O avesso da psicanálise* (Lacan, 1969-1970/1992), vamos tentar fazer uma articulação com o que Lacan chama de avesso, que, na realidade, de uma forma bem simples, é colocar a verdade em questão, a partir de um saber que vai ser produzido.

Os quatro discursos estudados por Lacan nesse seminário são importantes para pensar como o analista em formação, no caso, vocês, podem se posicionar, a partir da psicanálise, nas instituições onde trabalham, nas áreas de saúde do trabalhador, gestão de pessoas, acompanhamento

psicossocial e outras. Nesse seminário, Lacan vai falar também da práxis, da psicanálise como uma práxis. Não existe dissociação entre a teoria e a prática clínica. O avesso é usado, no nosso entendimento, para interrogar a verdade a partir de um saber, de um saber que vai ser produzido nesses discursos. Especificamente no discurso da histérica, que é dele que eu quero falar mais hoje e tentar no final fazer a articulação com o desejo.

Então, como eu dizia, esse lugar da psicanálise enquanto esse avesso e uma práxis abrem espaço para uma psicanálise sem divã, como estudou um dos meus alunos, Yan Siqueira em sua dissertação de mestrado (Santiago, 2024). Vocês podem ser psicanalistas em qualquer contexto que irão atuar, porque o que está em jogo na posição do analista é a questão do saber, da verdade e do poder, a verdade enquanto discurso. Então, nesse sentido, alguém diz: 'ah, mas está atendendo trabalhadores, isso não é psicanálise'. É psicanálise, assim como eu estou afirmando que vocês poderiam ser psicanalistas e trabalhar em instituições, se ocupam essa posição que é eminentemente ética e política. Então, isso é um pouco do que eu queria discutir hoje com vocês, porque precisamos quebrar esses tabus, esses mitos, esses preconceitos, no sentido de realmente pensar a psicanálise como um avesso que coloca em questão as determinações históricas, sociais e inconscientes, ela existe fora da normatividade. Ainda que Freud e Lacan sejam euro-centrados, muito têm a contribuir

para o estudo sobre a escuta clínica. Do ponto de vista conceitual, se faz necessário a crítica como tentamos fazer por meio da crítica social, colocando em questão as dimensões da colonialidade que atravessam a teoria e sobretudo a posição do analista. Nesse sentido, a questão não é da psicanálise enquanto uma ciência que já nasce transgressora, a questão é a obediência ao mestre e ao seu discurso.

Assim, é difícil ser psicanalista se existe a submissão ao discurso do mestre. A desobediência irreconciliável ao mestre é estrutural para a psicanálise potencializar a subversão que lhe é própria. Nesse sentido, é a posição do analista que situa a psicanálise. E cada um faz à sua maneira, como escreve Jean Allouch (2007) no seu livro *A clínica do Escrito*. Essa é uma das formas de desobediência a partir da transgressão do discurso do mestre, tendo em vista que o discurso do mestre passa pela questão da dominação de uma verdade. Então, quando Lacan fala do avesso, ele diz que não é o direito, é como um tecido, quando a gente vira o tecido ao avesso, ele não é igual ao direito porque tem dobras, então o avesso não é o inverso do direito, mas é uma inversão que coloca em xeque a verdade absoluta, inteira, completa.

Então, como fazer isso dentro de uma instituição? Seja na universidade, seja em uma empresa pública ou privada, é possível ser psicanalista? Bom, aí é uma questão que cada um teria que se colocar, por que como que se coloca em xeque a verdade, se você, por exemplo, está absolutamente

tomado por ela? Como fazer esse saber-fazer do psicanalista, como uma práxis, no sentido de que o tempo todo ele está colocando questões e não respostas?

Eu acredito que Lacan abre esse espaço para uma psicanálise sem divã. Então, como assumir o discurso do analista de forma corriqueira, corrente, em qualquer lugar que o psicanalista estiver? É isso que eu estou dizendo, tentando usar a mesma lógica do que Lacan discute, e pelo que ele vai dizer que são os quatro discursos - é o que faz ou não faz o laço social. O discurso da histérica é o que faz laço social e não está dissociado ou não está isolado do discurso do analista. Para que haja a busca de um saber, alguém tem que interrogar. Então, é sobre essa relação de interrogar e de se colocar uma questão ao sujeito, que ele vai falar nesse seminário sobre o discurso da histérica e o discurso do analista.

Se o analista assume o discurso do mestre, o discurso do saber, da ciência, da normatividade, e porque não dizer, do pensamento colonial que seria já parte do discurso do senhor e do capitalista, não há possibilidade do sujeito se questionar. Mas será possível que existam psicanalistas atuando pelo discurso capitalista? Espero que não. Insisto nesses discursos porque são muito importantes para a clínica com trabalhadores em situações de violência, de adoecimento, desempregados, excluídos socialmente e em outras situações de precariedade e precarização. Um analista se torna analista quando ele ocupa a posição de analista no

discurso e passa a atuar fora dos artifícios discursivos, ou seja, quando não existe o discurso do analista, mas é a partir do estudo desse discurso do analista que podemos desbancá-lo, romper com sua dimensão universalista e pensar nas singularidades históricas, sociais e políticas que marcam a singularidade da fala e da posição do analista, no caso, que atua com trabalhadores no contexto do Brasil.

Assumir o discurso do analista para destituí-lo passa pelo desejo do analista, que é ético e subversivo necessariamente. Era nessa intenção que eu estava quando eu pensei neste tema, na intenção da gente poder discutir as possibilidades de ser psicanalista fora de um espaço privado de um consultório. Como isso é possível?

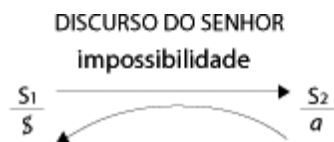
A primeira ideia é a do avesso, a segunda é a do avesso como transgressão, a terceira é a psicanálise como uma práxis sem dissociação de teoria, prática e clínica, e a quarta é o valor do discurso no processo analítico. Na clínica, se o analista assume o discurso do mestre, ele não é analista, pois como ficaria a questão do saber e da verdade, ainda que o discurso do mestre e do universitário sejam importantes para uma certa transmissão de saber? No entanto, o mestre, ele sabe, e o analista, ele não sabe, então, isso é o que é importante a gente distinguir. O que é mais importante na teoria dos quatro discursos para nossa clínica com trabalhadores são os laços sociais, que, como já dissemos, ao se romper pelo discurso capitalista que não faz laço, produz os sintomas sociais e as patologias.

O discurso do mestre tem como agente o significante mestre S1, que é fundamental para a inserção da linguagem do sujeito na cadeia de significantes, mas, ao mesmo tempo, é esse discurso que aliena o desejo no desejo do Outro. Nessa direção, e voltaremos a esta discussão, o desejo está fora da discursividade. Mas sem o discurso não acessamos o desejo, esse é o paradoxo que encarna o próprio inconsciente, se pensarmos inconsciente como discurso. Aqui tem uma justificativa para o título deste texto, o desejo não tem mas, é um ponto. Ponto no discurso, que é uma reprodução incansável do MAS, justificações, explicações, argumentações, o que faz dos discursos a morada das ideologias e das tiranias. Voltaremos a esta ideia mais adiante.

Retomando, o discurso do mestre, é o discurso de alguém que sabe. Este discurso cabe bem dentro da academia, talvez o discurso do mestre e do universitário podem formar um par em uma orientação, embora ainda esteja em xeque o laço social, que neste seminário se articula ao discurso da histórica. Então, nesse sentido, Lacan argumenta que a histeria é a única neurose, sendo a neurose obsessiva e as fobias, dialetos originados desse discurso. Por isso que Lacan fala em dialetos, assim como ele diz que só existe uma pulsão por excelência, a pulsão de morte. Então, só existe uma única neurose, a histeria, e essa histeria se estrutura em um discurso, e é a única que ganha status na teoria dos quatro discursos. Lacan fala do discurso do mestre

e do universitário para fazer uma crítica à ciência, para fazer uma crítica às formalidades da universidade. Podemos pensar como exemplo, as universidades onde os mestres se deslocam do saber como significante mestre para produzir injunções discursivas, vozes do supereu como já escrevi nos meus livros (Mendes, 2018;2022) passando a ser agente do discurso do senhor e do capitalista, assumindo posição e práticas autoritárias e até tirânicas, do sabe-tudo e tudo-sabe, produzindo efeitos no discurso do universitário que, nessa lógica, entra na servidão e passa a trabalhar para o mestre e pelo mestre. Nesse laço, que existe ainda que distante do laço social produzido pelo discurso da histérica e do analista, o universitário tem que apresentar resultados, ele vai se neurotizando e adoecendo. São muitos os casos de assédio moral com estudantes e adoecimento de estudantes principalmente da pós-graduação, esta que está inserida em um esquema pautado pelo discurso capitalista e pela racionalidade neoliberal. Sobre isso, já falei bastante quando escrevi sobre discurso capitalista nos seminários que fazem parte do livro *As galinhas que lutem: o trabalho na clínica laciana* (Mendes, 2022). Retomando os discursos para falar depois do desejo, a partir das quatro fórmulas que Lacan apresenta no começo do seminário 17, temos a posição que ele chama de agente dominante do discurso. Importante a gente saber quem é o agente dominante do discurso da histérica, quem é o agente dominante do discurso do analista. Então, quem é esse agente dominante? É o \$ e o

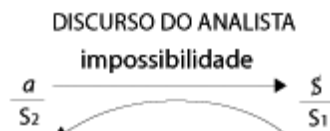
objeto  $a$ , respectivamente. O discurso da histórica vai ter como agente o  $\$$ , que é sujeito dividido, barrado, que eu irei explicar para vocês brevemente, no discurso do analista, é o objeto  $a$ . Vou mostrar os gráficos que estão no Seminário 17 (Lacan, 1969-1970/1992) para facilitar o que eu tentei explicar até esse momento.



se esclarece por regressão do



se esclarece por "progresso" no



Os lugares são de

o agente	o outro
a verdade	a produção

Os termos são

$S_1$  o significante (sê-lo) mestre  
 $S_2$  o saber  
 $\$$  o sujeito  
 $a$  o mais-gozar

**Fonte: Santos (2009)**

Entender o discurso da histórica é um caminho para se aproximar do desejo, mas, sobretudo, é um discurso que confronta o discurso do mestre, e isso é importante para criar alternativas para pensar as injunções do supereu. É um modo de descolar o significante de um único significado. É

importante entender o discurso para inserir uma outra lógica, como no caso do discurso da histórica, que, ao partir do saber limitado, confronta o saber absoluto institucional.

Nesse sentido, assumir outra posição discursiva, ainda que ainda seja um discurso e não uma fala singular, é essencial para lutar pela saúde do trabalhador. É uma possibilidade que nós temos de mudar o rumo a partir da nossa narrativa, de ser protagonistas, fazer um discurso que interrogue mais que responda, que faça pensar.

E o que o discurso da histórica revela sobre o mestre? Seria mais ou menos essa pergunta, com esse discurso, que ele goza de um saber, e claro de um poder. Mas dentro de um contexto organizacional, se você faz o discurso da histórica, do 'não sei', se estamos falando de uma empresa privada, pode pegar sua demissão agora, 'como assim, você não sabe? A demanda é saber, saber porque supõe que existe uma verdade, ou seja, dentro das instituições, que já não é no nível do discurso do mestre, é o discurso capitalista, em que existe um tudo-sabe e o sabe-tudo, "você é que não sabe, você que não foi capaz de saber, você que não foi capaz de descobrir essa verdade, esse enigma, mas ela existe". O discurso capitalista exclui o discurso da histórica dentro do espaço de trabalho. Daí vem a questão da obediência e da servidão voluntária no lugar, porque se você questionar "de onde vem isso? Por que isso?", isso pode ser razão para opressão e compressão do sujeito.

No meu livro *Desejar, Falar, Trabalhar* (Mendes, 2018) eu falo que o desejo está suprimido do/no espaço de trabalho, que o sujeito é desaparecido, e que o discurso da histérica não é o discurso veiculado, mas sim o discurso capitalista e o supereu que reinam, são as injunções do supereu. Então, quando você faz o discurso da histérica: 'Por que isso?'; O que vem a ser isso?' A consequência disso, como relatam os trabalhadores que adoecem e chegam no nosso projeto de atendimento na UnB, foi exatamente porque um dia eles questionaram o saber, o poder, a verdade. O trabalhador que adoecer vítima de assédio moral, em depressão ou que apresenta outros tipos de transtornos mentais - talvez aqui estou levantando uma hipótese teórica - ele operou no discurso da histérica, que é esse discurso que o Lacan diz que mesmo sendo um discurso ainda que neurótico, é um discurso aberto, porque não existe um saber, não existe uma verdade, existe uma questão. Existe uma questão sobre o saber que vai ser construída na cadeia de significante, poderíamos dizer que o discurso da histérica abre uma falha, podendo também ser, nesse sentido, político, ao denunciar a normatividade organizacional, o prescrito, as normas e padrões exigidos, sendo, exatamente por esse motivo, excluído. A injunção é "trabalhe e cale-se". É esse trabalhador que vai ficar doente, e o trabalhador que está dizendo que você tem que saber, geralmente que ocupa o posto de gestor, é que reproduz o discurso capitalista, o que vai fazer adoecer. Então, esta é uma hipótese que eu estou

levantando a partir dos casos clínicos que atendemos no projeto da UnB.

O discurso da histórica coloca em questão mesmo sabendo que esse saber não existe, é um saber que vai ser construído ali na cadeia de significante. E como seguir sem saber? Apostando no desejo. O desejo é a saída, o desejo como agente, o último agente que Lacan não fala aqui diretamente nas formulações dos quatro discursos, o desejo como agente dominante e não o saber, essa saída se aproxima do fim da análise: o desejo sem causa, como um ponto. Ainda assim, penso que quando o desejo entra em cena, ele não produz um discurso, mas uma fala singular, desejo não é discurso. Seria algo como: "meu desejo é que seja assim, pode ser que dê certo ou pode ser que não aconteça do jeito que eu desejo". Aí está o ponto, a lei do desejo. No que isso vai se desdobrar, é uma aposta, o desejo não tem destino certo e nem objeto, ele é essa aposta, é também o que faz com que o sujeito entre em ação. O sujeito age, ele age quando o desejo assume o protagonismo, coloca o sujeito em ação diante das apostas que ele vai fazer para tentar realizar esse desejo, que mesmo sendo pulsional, e por isso não se satisfaz, produz um movimento.

Transformar o desejo no agente do discurso é desobedecer, em um certo sentido, o discurso do mestre. Esse seria o avesso da psicanálise. Porque o desejo interroga, coloca em questão a verdade, não supõe nenhum tipo de

verdade. Isso é fundamental para a gente entender o que é, enfim, o mestre. Os quatro discursos foram estudados na relação analítica, o discurso do analista e o discurso da histórica fazem parte do discurso da análise.

O sujeito precisa se defrontar, em sua análise, com a sua falta de saber e fazer a pergunta, 'quem sou eu?' Por isso que Lacan menciona a historicização do discurso na análise, ele vai dizer que a análise começa quando existe uma pergunta. A psicanálise é o avesso do discurso do mestre e a psicologia está abraçada, apegada ao discurso do mestre, falando, reproduzindo, veiculando tudo. Porque é um saber sempre atrás do saber e um saber a priori 'eu já sei o que você quer dizer', 'eu já sei onde vai chegar', 'já sei no que vai dar, já sei onde vai chegar, já sei...'; nesse sentido, é impressionante como esse 'eu sei' é realmente usado largamente. Então, retomo a questão de como é produzir um saber que não se sabe. É aqui onde a clínica lacaniana, ao trazer a dimensão do impensável, relacionado ao real, que falaremos em outro seminário, é fundamental na clínica com trabalhadores.

Isso significa trazer para a escuta esse elemento novo, trazer o impensável, trazer aquilo que não se sabe. Seria pensar fora da caixinha, digamos assim, seria uma forma mais habitual de falar, pensar o impensável sobre aquela situação, porque quando o agente do discurso é o 'eu sei', você já sabe tudo, inclusive a forma de fazer, não há espaço para o impensável. Na escuta analítica, produzir um saber

que não se sabe é trazer esse impensável para o trabalhador que chega na clínica engolido pelo discurso capitalista.

No entanto, é o desejo que, além de operar o discurso da histórica para poder se interrogar: 'quem sou eu', também permite a questão 'o que eu quero ser?' A questão do desejo não é quem sou eu ou o que disseram que eu era, mas 'o que eu quero ser', é outra pergunta. O que eu quero ser ou o que desejo? Não é uma questão de vontade, o desejo não é uma questão de querer, é para além disso e para além das vontades e querer, é o que eu desejo ser. Essa é a passagem de um discurso primeiro que é jogar no discurso histórico, de uma forma de neurotizar para o desejo entrar em cena e o analisante, no caso, o trabalhador, sair do discurso que é sempre alienante e entrar na onda do desejo, ainda que também alienado no desejo do Outro, para só após uma análise o desejo ser um ponto. O ponto para dar basta no discurso, no supereu, e ao mesmo tempo, o ponto de partida para uma saída diferente do destino dos determinismos inconscientes, sociais e políticos que aprisionam o sujeito numa cadeia discursiva.

Esse ponto de partida se articula com o saber psicanalítico para Lacan, este que só é possível como práxis, a partir da clínica, porque ele vai dizer que é partir da clínica que nos deparamos com os limites da teoria e somos impelidos a produzir, trabalhar, isso é o que estou chamando de fazer-saber. Não sei se vocês entenderam a minha

definição, o trocadilho que eu fiz entre saber-fazer e fazer-saber.

No seminário *A ética da psicanálise*, Lacan (1959-1960/1988) fala sobre a função da psicanálise, que é fazer com que o sujeito não ceda o seu desejo ao outro, que é essa transformação do agente dominante do discurso pelo desejo, ou seja, esse ceder o desejo ao outro é exatamente esse furo do tipo: mas qual é o seu desejo? E não o desejo do outro, que remete aquela questão 'está esperando o que? Está esperando porquê?' no sentido da espera de que o outro faça, que o outro realize ou que ele tenha um desejo, ou seja, ceder ao desejo do outro. Isso tem a ver também com a questão da vergonha e da culpa, que é um tema recorrente na clínica. Os pacientes também chegam com essa questão da culpa e da vergonha de ter cedido o seu desejo ao outro, eles dizem 'como é que eu passei anos fazendo isso aqui dentro dessa instituição? Isso que não era o meu desejo.' Então, a questão da culpa e da vergonha se articula muito com esse ceder o desejo ao outro, que é o que, na análise, no primeiro momento, o discurso da histérica, não tem a ver com esse ceder o desejo ao outro. Quando ela pergunta quem eu sou, institui o outro como mestre, de alguma forma está fazendo isso nesse sentido neurótico.

Há outra questão que se articula com esse lugar do fazer-saber, que é o próprio desejo do analista. O desejo do analista é importante nesse discurso, só que o desejo dele é da ordem de uma aposta, o desejo de que ali tenha um

sujeito que deseja. Se ele também não tiver o desejo, que tem a ver com a ética da psicanálise, esse desejo do analista é desejar que o outro deseje e, claro, não ficar no lugar e não assumir o discurso do mestre. Esse saber-fazer é exatamente isso, a partir de uma prática, de um fazer, e em se deparando com esse fazer, se deparar com os limites da teoria, do saber, da verdade, é poder construir e ser mobilizado, impelido a produzir, a trabalhar, isso que eu estou chamando de fazer-saber, o saber vem depois, nesse sentido. Isso também é chamado de um *après-coup*, que é o *só após*, então, é sempre depois que a gente sabe.

São os dois lugares do analista regido pelo seu desejo do ponto de vista ético, que é supor que ali tem um sujeito que deseja. A análise tem início quando o analisante encontra a si mesmo dividido, entre o que diz e o que sabe disso que diz, essa é a divisão. O que diz, o que eu digo sobre mim e o que eu sei do que eu digo, esse é o sujeito barrado (\$). O sujeito barrado é o sujeito castrado de alguma maneira também. O sujeito entrou em análise e se pergunta: por que tenho eu que sofrer esse sintoma? Seja qual for o sintoma. Então, esse é o sujeito dividido, é esse sujeito que não sabe, ele diz, mas não sabe sobre o que ele diz não saber, isso é a castração. Ele busca saber sobre o que ele diz e o sintoma aparece nessa divisão, assim começa o processo de análise e as perguntas: 'mas porque eu? Por que tenho que sofrer? Por que logo comigo?' São as questões que ele vai trazer, esse é o discurso da histérica.

É o desejo o agente transformador do discurso, não para transformar em discurso do desejo, mas sim para possibilitar a produção singular de um saber sobre o desejo. Gostaria de reafirmar que os modelos atuais das tiranias, supremacias, do pensamento único, do discurso capitalista articulado ao discurso neoliberal, produzem um discurso que é sintomático. O que é importante compreender e continuar o raciocínio é que o discurso da histórica é um discurso sintomático, e todo o discurso é histórico. O paradoxo é que esse discurso sintomático é fundamental para que o sintoma apareça e seja interpretado e sejam dados outros destinos a pulsão que não o gozo. O discurso sempre vai, de alguma maneira, se articular com o gozo, enquanto que o desejo não está estruturado na cadeia de significante. Se pensarmos em inconsciente estruturado como linguagem, não há lugar para o desejo na cadeia de significante.

A teoria dos discursos, desse modo, mostra que para a psicanálise é possível o sujeito mudar de posição frente ao Outro quando o desejo é o agente dominante do discurso, e, mais ainda, quando o desejo nos faz sair das discursividades, sendo assim, uma abertura para uma posição política frente ao Outro. Nesse sentido, o discurso aprisiona, o desejo liberta. Porque o desejo leva a essa possibilidade infinita de ser diferente do que se é. Porque o que se é, é a produção desse discurso.

## O REAL DO DESEJO

---

Há uma plasticidade perversa nos modos como o capital se reproduz. O discurso e as práticas de gestão sustentam uma ideologia do possível, do ilimitado, não existe o limite no sentido intransponível da castração, da lei, do que não se pode ser, do que não se pode saber ou não se sabe porque simplesmente não se sabe. Ao final do seminário 22, *R.S.I.*, Lacan (1974-1975) fala que o real é Deus. Ora ele fala que o real é a vida, *c'est la vie*, que os franceses falam muito, ora o real é Deus, porque tem coisas que simplesmente são, não existe um saber sobre elas. Quando diz que o real é a vida, entendo que não está naturalizando os fenômenos sócio-históricos ou geopolíticos, ainda que seja eurocêntrico e assuma posições teóricas universalistas. Pela minha compreensão, entendo que fala da vida no sentido das perdas, do acaso, da falta de causalidade e de conexão entre os eventos.

Nesse seminário, ele vai discutir a noção de sujeito. Esse sujeito é constituído por esse real que ele algumas vezes chama de Deus, de vida, e também vai dizer que são as perdas. Isso está articulado ao que falei no último seminário, sobre o inconsciente, que é sempre um resto, é sempre algo que foi perdido. O real é perdido, se articula a perda, a Deus, ao destino, à sorte, ao que é próprio dos acontecimentos ou da vida, enfim, ao que não está sob um saber, sobre um acesso, sobre uma possibilidade de se esclarecer.

Lacan propõe que o sujeito é constituído a partir de três registros: o real, o simbólico e o imaginário. O real, esse que comentei acima, vai totalmente ou quase totalmente na contramão do que são os modelos de gestão hoje dentro das organizações, dentro do capitalismo numérico, neoliberal, e dos modos de constituição e de reprodução do capital, onde existe uma causa para tudo, como se não houvessem limites que estão dentro e fora de nós.

Nesse seminário, Lacan retoma Freud para discutir as tópicas. A primeira tópica era: consciente, inconsciente e pré consciente. A segunda tópica: id, ego e superego. Quando Freud fala na segunda tópica, a tradução mais atual para o português é “isso, eu e supereu”, ele aponta que o Isso tem um resto, que é o supereu. Então, nessa segunda tópica, o supereu tem uma dimensão que é inconsciente e tem uma dimensão do isso, que é muito importante também. Essa é uma base teórica para a compreensão do supereu. Nas *Conferências Introdutórias*, Freud (1916-1917/2014), ao falar do Isso e da segunda tópica, diz que esse saco é o lugar onde se vê algo que contém alguma coisa, são as pulsões. Essa ideia é muito importante para entendermos os três registros, pois as pulsões estão no nível do inconsciente, daquilo que se perde sobre a relação sexual, é aí onde se inscreve o real.

O trabalho do inconsciente é fazer com que não cesse a repetição, que tem a ver com aquilo que se perde. O real tem uma articulação com essa repetição impossível de se

representar, resiste e aparece na repetição sem sentido, perturba. Ou seja, é algo do inconsciente, do trabalho do inconsciente. Então, o real seria algo da ordem do impensável, do intransponível, do impossível de se nomear, impossível de se representar, é aquilo que fura completamente o esquema, é o que Lacan diz que faz um buraco no negócio, "negócio" pode ser entendido como muitos significantes. Isso provavelmente se articula com a questão do gozo, o sujeito está gozante, está no gozo da repetição. Nesse sentido, o inconsciente, nesse trabalho de repetir, é aquilo que se perde para tentar se recuperar naturalmente o que se perdeu. Isso seria então o conserto do real, que ele fala que é Deus, mas é também aquilo que é impensável, é um ponto de partida. De uma forma mais didática, o imaginário se articula ao corpo, ao narcisismo, às projeções. O simbólico diz respeito às relações sociais, aos laços sociais. O simbólico é um significante que remete a outro significante que sempre vai ser alienado ao desejo do Outro.

Na clínica, o analista opera para reduzir o sentido, não para dar sentido. O analista trabalha para o real, pelo real, e com o real, e isso tem a ver com o fato de o analista ficar no lugar do objeto *a*. O analista opera nesse real que é o impensável, o intransponível, nesse real que não é nomeado, e que tem a ver completamente com o trabalho do inconsciente, no sentido das pulsões que não cessam de se repetir em busca de satisfação. Para a psicanálise, o sujeito

quer se satisfazer, quer a satisfação das pulsões, que é este saco (o buraco vazio) que está no inconsciente e não temos acesso, exerce um certo domínio, e que, de alguma maneira, faz circular os três registros: real, simbólico e imaginário.

A noção de sujeito está em torno disso, sendo que o gozo vem para atrapalhar, para perturbar essa harmonia, uma vez que ele faz uma exclusão desse real. É como se não existisse uma parte desse sujeito, que é a castração, a falta, o resto, o que é impensável e o que não tem explicação, aquilo que não tem sentido, simplesmente é. O trabalho do gozo é tirar o real de cena, é fazer com que esse registro do real seja reduzido. Em contrapartida, o trabalho do analista é reduzir o sentido, é colocar o real de volta, é identificar ou traduzir os modos de gozo do sujeito para que isso opere na redução do sentido e o real realce. Realçar o real é trazer à tona as impossibilidades, os limites, a própria castração e permitir que o sujeito se constitua na impossibilidade, e isso não quer dizer impotência, nem depressão, mas a impossibilidade como um vazio que vai permitir a construção de algo singular sobre aquilo que se apresenta como real a partir do simbólico.

O simbólico tem essa função, que também o trabalho do analista teria, de tirar a impossibilidade desse lugar de impotência, e trazer a impossibilidade como potência para a construção de saídas, é aí onde o sujeito aparece, onde o sujeito existe. O simbólico está articulado à fala, ao falar para poder fazer a elaboração e perelaboração do desejo do Outro

pelo desembaraçar do supereu. O fim da análise está relacionado a uma destituição do Outro, ao reconhecimento de que não existe Outro, é uma ficção. O Outro é entendido como a mãe, o pai, a família, a escola, as empresas, a instituição, as redes sociais, a sociedade etc. O Outro não existe como causa do desejo, como alguém que deseja alguma coisa claramente para você, como algo que está dizendo que você tem que fazer isso ou aquilo. Se existe desejo, o que vai existir é uma multiplicidade de possibilidades quando um significante se articula a outro significante, tudo pode ser, tudo pode acontecer, esse é o impensável do real. "Tudo pode ser, pode ser tudo, pode ser nada, nada pode ser tudo, tudo pode ser nada", esse é o mundo do simbólico, onde um significante está para outro significante.

Considerando também que o inconsciente se estrutura como linguagem, ele tem o saco, o saco que tem alguma coisa dentro, que são as pulsões do isso, do Freud, mas Lacan vai dizer que o inconsciente, além de ser aquilo que se perde sobre a relação sexual, é também algo que nunca vai se encontrar na realidade. Sobre a pulsão, Lacan não vai na contramão do que Freud fala, ele corrobora tudo o que Freud falou e acrescenta a questão do inconsciente no simbólico, que é a elaboração e a perlaboração de um significante para outro significante. A função do simbólico é o trabalho de falar, nesse ponto é fundamental entendermos que o gozo não fala, quem fala é o desejo.

Então, se o inconsciente se estrutura no simbólico e o simbólico é o trabalho de falar, logo o trabalho do inconsciente é falar. O trabalho vivo do inconsciente é a elaboração e a perlaboração do desejo em relação ao desejo do Outro que aliena, e no final da análise o desejo é libertado e o Outro é destituído como causa do desejo. Se não existe o desejo do Outro, logo só existe o desejo do próprio sujeito, o seu próprio desejo. Desejo é diferente de gozo, implica sempre um trabalho de elaboração e perlaboração, um trabalho de fala. Sem falar, não acessamos o desejo, nem o simbólico, e aí o inconsciente não trabalha.

Penso que a questão da escuta do dito e do dizer é muito importante na clínica, observar o *blá blá blá*, quando o paciente diz muita coisa, mas não fala nada, isso não tem a ver com sentido. O *blá blá blá* que o paciente fica muitas vezes, em função dessa repetição, porque o gozo é o *blá blá blá*, é a repetição, não tem uma fala, não tem um dizer. Cabe ao analista traduzir, não no sentido de dar pronto fechado, mas de fazer uma tradução desse dizer através dos dispositivos de escuta naturalmente, para haver uma simbolização, para que o sujeito fale o que deseja. O trabalho de falar é enorme, as empresas e os modelos de gestão impõem o “trabalhe e cale-se”, cale-se no sentido de repetir sem nenhum tipo de elaboração e perlaboração. Isso é o que vemos no trabalho nas plataformas numéricas e com a invasão do capitalismo numérico em nossas vidas, e também das redes sociais. Quando escuto o termo “redes sociais”, me

vem a ideia de repetição, gozo, *blá blá blá*, um dito que não diz nada, uma busca frenética e desenfreada por um sentido que não existe, por uma razão que não é essa, por uma lógica que não está ali. Falar e desejar dá muito trabalho e estão colados, é o título do meu livro: *Desejar, falar, trabalhar* (Mendes, 2018), a estratégia do modelo de gestão é tentar calar esse desejo, mesmo que o desejo sempre seja alienado ao desejo do Outro. Freud (1915/2013) nos escritos sobre *As pulsões e seus destinos* aponta que o desejo é esse resto que fica entre a necessidade e a demanda, a necessidade seria quando vem a mamadeira, essa necessidade está atendida, a criança podia ficar tranquila e calma. Mas a demanda seria: com essa mamadeira vem o olhar e a voz e seus afetos sobre a criança, seu desejo e a satisfação com a satisfação da criança. É a construção de uma demanda associada à necessidade, e essa necessidade é impossível de se transformar em demanda. Então, existe a satisfação da necessidade e a demanda, e sempre haverá a diferença entre a necessidade e a demanda, um resto que fica, e esse resto é o desejo. O desejo está relacionado a essa pergunta sobre a diferença entre necessidade e demanda. Para Lacan, a demanda é sempre uma demanda de amor, de ser amado e reconhecido.

O desejo encontra-se entre a necessidade e demanda. No seminário 11, Lacan (1964/1985) discute o olhar e a voz como objetos da pulsão que produzem uma satisfação para além da necessidade, é uma satisfação sem demanda. Essa

satisfação a mais fica registrada no corpo da criança que a partir desta marca busca reviver esta experiência de satisfação que jamais se repetirá. O desejo então é esta busca, este movimento em direção a uma satisfação que jamais vai se repetir. Nesse sentido, o desejo é alienado no desejo do Outro, algo que tem satisfação como a satisfação da criança expressa pelo olhar e pela voz. A análise, nessa lógica, tem como propósito a liberação do desejo da sua alienação, libertar o desejo das formas imaginárias e das repetições contidas na fantasia causada pelo desejo do Outro.

Nessa perspectiva, o R.S.I. traz estas marcas que constituem o sujeito e elas encontram-se no inconsciente, no discurso onde o dizer e o dito se revela na análise e, ao serem decifrados, se dirigem a esta possibilidade de liberação do desejo, que está articulado à pulsão, ao sintoma, ao gozo. Assim, o maior trabalho, se pensarmos em trabalho vivo, do inconsciente, é a elaboração e a perelaboração, é o trabalho de falar, é a função do simbólico, que vai fazer a tradução desse desejo do Outro, de um significante para outro significado, e que vai ao infinito. O ponto de partida do imaginário é o corpo, assim como o ponto de partida do real é o impensável e o ponto de partida do simbólico é a fala. O ponto de partida do real é o impensável, é o buraco, "o buraco no negócio", "estava tudo caminhando bem de um jeito tranquilo e, de repente, um buraco". Como isso aconteceu? Como isso foi possível? Por que comigo?

Podemos articular isso com o trauma vivido no assédio moral. Poderíamos dizer que o assédio moral é o buraco que é feito no "negócio". Quando o sujeito escolhe aquele trabalho, há uma satisfação ali, uma realização, o sujeito está "equilibrado" naquela relação sempre sintomática, e daí acontece o assédio moral, um ato de violência inesperado contra ele. Como o sujeito enfrenta isso? Como enfrentamos o real? Em um certo sentido, precisamos considerar que os três registros não são uma entidade, são um fenômeno. Porém, se pensarmos que o real é Deus, o que vamos fazer com as coisas de Deus? A forma de enfrentamento do real se dá pelo simbólico, pela fala. Daí vem a importância do luto de todos os tipos de perda para o sujeito, e também dos casos de violência, dos atos de violência, do trauma, do assédio moral. É a simbolização, pelo trabalho de falar, que vai permitir essa saída.

Evidentemente há outras complexidades na compreensão dos três registros, mas essa noção sobre o ponto de partida é boa para a gente começar. No seminário 22, Lacan (1974-1975) fala do nó Borromeano, que é aquele nó do laço, que é matemático, e que é preciso ter no mínimo três linhas e que, quando uma se rompe, as outras duas se soltam. Há uma enorme complexidade em todos os desenhos que Lacan apresenta neste seminário, os desenhos são feitos num quadro, e eu estou traduzindo para vocês da melhor maneira que eu consigo, evidentemente com muitas lacunas. No entanto, penso que é interessante a

compreensão dessa articulação indissociável dos três registros e a soltura de dois quando um é rompido, essa é a lógica. Se o real é excluído, talvez seria necessário um outro desenho para entender o mundo do trabalho. Penso que seria importante uma nova proposta para refazer a equação dos quatro discursos pois existem novos elementos no discurso capitalista, como a questão da colonização, que entraria ali como uma função na fórmula. Então, precisaria ter uma quinta função ou desdobramentos nessas funções já existentes dos quatro discursos, relacionadas às atualizações dos modos de reprodução do capital.

Quando Lacan fala do imaginário como uma linha reta e na lógica dos matemas, uma linha reta e um círculo são formas de combinação do infinito, temos duas ideias importantes. A primeira é a de que tem um nó que faz a ligação de dois registros, e que se esse se rompe, os dois se soltam. A segunda ideia é a de que as combinações que essas linhas podem ter são infinitas. As formas que essas linhas podem ter e a questão do infinito, se articulam, de alguma maneira, às infinitas possibilidades do sujeito ser. Ou seja, não existe uma única saída, um único caminho, uma única maneira de ser sujeito, o sujeito é ao infinito, porque o desejo não tem objeto e não se prende a nada. O desejo é solto, é esse resto entre a demanda e a necessidade, para Freud inicialmente, e depois para Lacan, exatamente por essa possibilidade de ser ao falar, elaborar, perlaborar, simbolizar e construir os laços sociais a partir do desejo. Nesse sentido,

apresentamos duas ideias para entender o nó borromeano, a primeira: que ele tem que ter três círculos, no mínimo. E a segunda: que se romper um, ficam livres, veja o paradoxo, ficam soltos. Pensando na estrutura do sujeito e considerando que os três registros são o sujeito, não é possível romper, é uma falsa liberdade. Romper com o real, é isso que o capital faz ao proferir a grande falácia do discurso capitalista que é a de que existe uma verdade, um sentido, um saber apropriado.

Quando o gestor fala “bom, agora isso vai ser assim, nós vamos fazer dessa maneira, a melhor forma é essa, a estratégia é essa”, esse é um discurso capitalista sustentado na lógica do tudo sabe, um sabe tudo. Nesse discurso há uma exclusão do real, porque tudo vai ser possível, bater as metas, ter aumento de milhões no faturamento e no lucro. Então, tudo é possível, nem o céu é o limite, é para além do céu, é depois do céu. Penso que nesse momento há uma ruptura de um desses três registros do sujeito, que acredito que seja o do real. Há uma relação com a perversão e com a neurotização, há o rompimento de um, em nome da liberdade, a falácia do discurso é de que você é livre para ser o melhor dentro desse sistema e você vai ser e vai ganhar o reconhecimento que você quer, isso volta para a questão da demanda de amor e a diferença entre demanda, necessidade e desejo. A demanda do sujeito é de ser reconhecido para ganhar o sucesso, ter a promoção, o salário, o status, e

podemos imaginar uma multiplicidade de exemplos que vem desse discurso da gestão no cotidiano das instituições.

Esse rompimento do real, em que ficam soltos o imaginário e o simbólico, está relacionado ao discurso de liberdade, ao discurso da uberização, da terceirização, do empreendedorismo, do neoliberalismo, dos aplicativos e da AI. A falácia do “você que faz a sua gestão”, é, de fato, o autocontrole. O autocontrole é um discurso de ruptura com esse real de liberdade falaciosa porque os outros dois registros, imaginário e simbólico, vão se soltar. Como na época do início da industrialização, do taylorismo, era o trabalhador sem cabeça, só o corpo fazendo tempos e movimentos. E hoje é o trabalhador só com cabeça, como acontece no trabalho por aplicativos, nas salas virtuais nós só aparecemos da cabeça para cima, isso é terrível para a nossa subjetividade, que é inexoravelmente corporal, e, vale acrescentar, erógena, como a psicanálise propõe. Isso quer dizer que está sendo usurpada a vitalidade do corpo vivo, corpo que fala, corpo político. A vida virtual é uma prisão! O corpo está desconsiderado como parte do trabalho humano.

Não podemos esquecer que o cérebro faz parte do corpo e que os sistemas e programas de AI sem a vitalidade do corpo podem produzir efeitos ilimitados que nem conseguimos imaginar, a não ser pelas projeções dos humanos ao realizar filmes de ficção científica, muitos deles uma realidade nos dias atuais. No capitalismo industrial,

tinha-se um sujeito sem cabeça, “você não é pago para pensar”, “aqui manda quem pode, obedece quem tem juízo”, lembram dessa frase? Atualmente, você tem que pensar em todas as possibilidades e soluções, e dar um jeito, porque não é o sistema que está errado, é você que não está conseguindo aprender o que o sistema está te pedindo, você tem que pensar ideias, alternativas, decisões. Há uma sobrecarga do pensar, mas o pensar cerebral, racionalizado. É isso que a filosofia fala sobre a racionalidade do corpo que não é sensível, o corpo que não existe enquanto humano, enquanto corpo que fala, pois não existimos sem o corpo. Não é possível imaginar uma exploração do nosso cérebro sem consideração do nosso corpo, pois o cérebro está no corpo, não podemos ficar sem o imaginário, não podemos deixar solto o imaginário e o simbólico, sem fala e sem corpo, isso seria uma máquina.

Ainda nesse seminário, Lacan (1974-1975) diz que o imaginário é o ponto de partida do nó porque está enraizado no corpo, por isso o imaginário faz essa articulação entre pulsão e gozo, e faz a articulação com o tipo de satisfação que o sujeito vai buscar.

Sobre o imaginário, Lacan enuncia que há algo que faz com que o ser falante se mostre destinado à debilidade mental. Essa ideia é ótima para articularmos com as questões do trabalho, do capital, da universidade. A predominância do imaginário seria uma debilidade mental, a ideia do “só corpo, sem cabeça”. Estou tentando trazer essas analogias, mas não

é um modelo, não é uma coisa dependendo da outra. Estou falando de forma livre, para tentar explicar o conceito e vermos como isso tem efeito na clínica. Ou seja, a soltura que aparece muitas vezes com o discurso de liberdade não é boa. Quando na clínica se traz em evidência o imaginário, por exemplo na transferência, têm-se todas as chances de se atolar. Se atolar no sentido - do português que alguém traduziu do francês - de ficar atolado em alguma coisa, submerso, enrascado, em maus lençóis.

Quando desaparece um ou outro, você pode dizer que a linha do nó esmagou. Se houve um achatamento, uma distorção, um corte, uma quebra, se vem à baila - vocês têm milhares de maneiras de falar dessas configurações desses três registros para a constituição do sujeito - o imaginário tem grande chance de se atolar, porque é enraizado no corpo, porque tem a ver com a pulsão e com o gozo, com essa coisa de debilidade mental, do dito e não do dizer, do que não é simbolizado. Por isso que Lacan fala também que o imaginário tem a ver com projeção e com narcisismo, ou seja, tem a ver com questões primárias, arcaicas, com as marcas que estão enraizadas no corpo e não podem ser desprezadas na constituição do sujeito.

A minha hipótese é de que quando o capitalismo promove o modelo de gestão numa ausência de fala, de alguma maneira está produzindo essa debilidade mental. Quanto mais debilidade existir, menos fala e mais o sentido se instaura como função, enquanto produção de um sentido

que não existe em si mesmo, mas que é produzido no discurso. Esse sentido tem a função de fazer calar e de amplificar essa debilidade, então o gozo aparece, porque o sentido faz gozar. O discurso capitalista, o discurso dos modelos de gestão, os discursos dos governantes, produzem um sentido e isso faz gozar. Podemos refletir sobre o sentido que é dado em um discurso tirânico de pensamento único, um único caminho, uma única verdade. Estou tentando entender essas tiranias que estão acontecendo no mundo cada vez mais intensas e evidentes... Esse discurso produz efeito de sentido para a subjetividade e assume a função de sentido, no caso, do imaginário, e o que está sendo enunciado nesses discursos aprisiona o sujeito.

Então a ausência dessas duas outras linhas, real e simbólico, provoca essa debilidade que sustenta o gozo no sentido de que vai ser proferido nos discursos tirânicos ou no discurso capitalista dos modelos de gestão. E claro, isso vai aprisionar o sujeito e causar o adoecimento - que daqui a pouco vai ser ligado a algum tipo de fracasso.

Esse terreno produz diversas patologias no trabalho. Esse nó em que alguma perna é rompida em nome da liberdade que vai soltar as outras duas pernas e isso vai produzir patologia.

Sobre a questão do sentido e do gozo, Lacan cita o trabalho de Freud em *Inibição, sintoma e angústia* (Freud, 1926-1929/2014) e formula que existem dois gozos a partir desse registro, que ele vai chamar de gozar a vida. Lacan

(1974-1975), ainda no Seminário 22, diz: se o real é a vida, então o real se articularia com objeto *a*. Lacan começa a introduzir o objeto *a* a partir da explicação de como este objeto conjuga as três superfícies, faz a intersecção entre os três registros e cria o nó borromeano. Ou seja, o real é o impossível, o impensável, o limite, a castração, é o modo de gozar a vida. É um paradoxo, não é extrapolar, não é você pode extrapolar, esse não é o gozar a vida, gozar a vida é considerar a conjugação dessas três superfícies articuladas no objeto *a*. Lacan propõe que existe um outro gozo, o que está ligado à angústia.

Outra formulação de Lacan é que nesse gozar a vida, está envolvido o imaginário do sentido. Ou seja, não é porque o analista opera na redução do sentido que ele vai cortar o imaginário, não é porque o imaginário tem como ponto de partida a debilidade mental, que ele não vai existir. O sentido é algo que é imaginado, é no imaginário que esse sentido gruda. E o real é exatamente fazer um furo nesse sentido, furar o esquema. Enquanto o simbólico vai ser a elaboração e a perelaboração desse furo, por meio da atuação do analista.

Quando isso não é possível, surgem as patologias, as deformações do sujeito. O adoecimento vai estar ligado a esse tipo de deformação que pode existir como excesso de sentido, ou qualquer excesso do que seria o conteúdo que está nos registros.

Lacan vai dizer - e isso é uma polêmica - que o prazer existe na própria atividade, porque ele não tem objeto, o prazer está em fazer a coisa e não no objeto, não no resultado. Isso rompe completamente com a psicodinâmica do trabalho, no sentido teórico, em relação a ideia de que existe prazer no sofrimento ou prazer na dor. Então, até que ponto a queixa do paciente ou o sofrimento no trabalho é gozo comandado pelo discurso capitalista, é gozo colonizado? Até que ponto a queixa e a demanda que chegam no consultório, é uma demanda colonizadora ou colonizante? No sentido de que o sujeito chega para você pedindo ajuda para se adaptar e voltar para o modelo produtivista, para aceitar o capital como ele é, para ser a máquina que disseram que ele tinha que ser e ele não foi, para ser o robô, para ser melhor do que a máquina. Na clínica, é muito importante colocar em xeque a demanda, porque a demanda que é feita para o analista pode ser a demanda de adaptação, e o psicólogo ou o analista pode cair nessa armadilha para atender a essa demanda, o que seria funcionalista e adaptacionista. É fundamental questionar a demanda, pois a queixa em si pode ser o próprio gozo do sujeito. Então o analista, ou quem faz uma escuta institucional clínica com base nesses pressupostos, há de ficar atento a que tipo de demanda é essa e no gozo que há nessa queixa.

Outra ideia importante é que o prazer não é resultado do objeto *a*, ao qual foi articulado e investido para ter a

satisfação. O prazer está na atividade, ela mesmo, e está articulada a questão do desejo, prazer em desejar algo assim, o prazer está em desejar, não em encontrar. Desejar é um verbo intransitivo, como o verbo amar, é sem objeto. Lacan fala isso, mas há autores que questionam, pois, ao formular sobre a teoria da sexualidade, Freud fala que a pulsão tem objeto, enquanto que Lacan afirma que a voz e o olhar são objetos da pulsão. A pulsão tem objeto, o desejo não. O desejo é sempre em relação ao desejo do Outro. A pulsão tem objeto, mas não se satisfaz. E o jogo do Capital é dizer que os objetos satisfazem o sujeito, mas o que se satisfaz são as necessidades.

A demanda nunca será satisfeita, que é a demanda de amor, de ser amado de forma absoluta. Gozo e desejo são diferentes, mas pulsão e desejo se articulam, assim como pulsão e gozo também se articulam. Desejo e gozo não se articulam porque esse gozo tem a ver com esses objetos, com resultados. É uma ideia ainda nova para mim, mas talvez o gozo se articule sim ao resultado, ao objeto, a esse significante que o modelo de gestão diz "você tem que dar resultado". Talvez haja uma relação do gozo com esse resultado, com esses objetos, com a suposição de que se você conseguir, se você fizer, você vai ser alguma coisa, vai ter alguma coisa, vai ter essa demanda de amor absoluto.

Existe uma definição de prazer na teoria lacaniana, assim como a definição de gozo, de desejo, de pulsão, mas é um conceito pouco discutido e muito polêmico. Estou de

acordo com Lacan e penso que talvez o resultado tenha a ver com o gozo, com a questão do fetiche, do objeto, do capital. A questão do fetichismo em Marx se articula plenamente com a teoria da pulsão de Freud. São ideias que podem ser desenvolvidas em outros seminários.

Freud começa a fazer uma articulação entre sintoma, angústia, que é traduzido como ansiedade, repetição, sintoma, inibição. A angústia está relacionada ao real, a inibição relacionada ao imaginário, e o sintoma ao simbólico. A hipótese de Lacan é de que o imaginário vai fazer a inibição de tudo que é articulado com o simbólico. Então, na realidade, o imaginário faz uma barra no próprio nível da imaginação e devolve isso no corpo. Como o imaginário não é o ponto de partida que vai ligar o simbólico ao real, o imaginário é constituído pelo corpo enquanto um orifício que ata o simbólico e o real. E nesse momento, muitos psicanalistas desenvolvem milhões de estudos sobre o imaginário. O simbólico tem muito a ver com o laço social, com a clínica, com a fala e com o neurótico. O imaginário é um pouco mais complexo pois está relacionado com a questão da psicose. Enquanto que o real e o simbólico são do nível da neurose, circulam por meio dos pacientes que nós tratamos ou nos contextos de trabalho em que nós atuamos. O imaginário, essa barra no próprio nível da imaginação, tem a ver com as questões da psicose, da alucinação, do delírio.

É importante entendermos a relação entre inibição, imaginário, simbólico, sintoma, real e angústia. Quando falamos de sintoma, estamos falando do efeito do real no simbólico. O real faz furo no gozo, na repetição, e produz efeito no simbólico. Os laços sociais vão ser refeitos a partir dessas interpretações dos significantes que têm multiplicidades de sentido.

Nesse ponto, há outro problema hoje que são os ensurdecimentos das tiranias, incluindo as vozes do supereu. Inicialmente já há um impedimento de acesso ao inconsciente, quer dizer que, se a verdade é o inconsciente e nunca temos acesso a ela, o pouco que poderíamos ter se dá a partir da simbolização, da discussão. Está havendo um impedimento porque hoje predomina um discurso totalitário, uma linguagem única, que é a linguagem midiática. Onde está a discussão sobre a produção do saber que tem a ver com o espaço democrático, mas tem a ver com a fala, com a conversa? Voltando a falar dos aplicativos, onde é que está esse vínculo? Nos consultórios de vocês, naturalmente que sim, porque é lá que pode ser produzido o discurso do analista e da histérica. Talvez o grande número de pessoas procurando atendimento seja devido a própria falta de espaço de fala, que é a própria expressão desse inconsciente. Estou levantando a hipótese de que as modalidades de trabalho hoje, o capitalismo numérico, as relações virtuais, estão impedindo que o inconsciente apareça. Robô não tem

inconsciente, logo não faz laço social, sendo assim, ele próprio é um sintoma social.

Essa discussão abre um grande debate sobre a liberdade. A liberdade não é ausência de rumo, mas sim a abertura das possibilidades de significar, de interpretar esses significantes partindo do pressuposto que o sujeito é esvaziado, é aberto. Então, nesse sentido, é sair dos modelos de idealização, tanto os propostos pelo capital quanto os propostos pelo ideal do eu. Toda idealização é tirânica, essa é nossa hipótese para o adoecimento mental pelo trabalho. Ou seja, sem inconsciente não tem sujeito e sem sujeito não tem desejo, sendo assim, acontece a robotização da subjetividade, já largamente estudada em outros seminários que eu fiz, como a colonização da subjetividade. Essa é uma parte da política do supereu, produzir ruptura dos laços sociais, sintomas e patologias do trabalho, útil e necessário para sustentar os discursos e práticas de gestão do trabalho nas instituições, a lógica capitalista do consumo e da acumulação. E qual nossa posição frente a esta política? Questão permanentemente aberta... Apostar no trabalho subversivo do desejo talvez seja uma saída, suas múltiplas configurações subjetivas, sociais e políticas, particularmente articulado a clínica com trabalhadores e seus efeitos éticos e institucionais, como temos observado na nossa prática, cria um movimento, ainda que provisório e paradoxal, de dizer basta.



## REFERÊNCIAS

---

- Allouch, J. (2007). *A clínica do Escrito*. Cia de Freud.
- Didier-Weill, A. (1998). *Os três tempos da Lei, o mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical*. Zahar.
- Freud, S. (1920/2010). *Além do princípio do prazer. Obras completas (1917-1920)*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1915/2010). *As pulsões e seus destinos. Obras incompletas*. Autêntica.
- Freud, S. (1915-1916/2010). *A transitoriedade. Obras completas (1914-1916)*. Zahar.
- Freud, S. (1916-1917/2014). *Conferências Introdutórias à psicanálise. Obras completas (1916-1917)*. Zahar.
- Freud, S. (1095/2016). *De uma histeria ("O caso Dora")*. *Obras completas (1901-1905)*. Companhia das Letras.
- Freud, S. (1926/2014). *Inibição, Sintoma e Angústia. Obras completas (1926-1929)*. Companhia das Letras.

- Freud, S. (1919/2010). *O estranho (O inquietante)*. *Obras completas (1917-1920)*. Zahar.
- Lacan, J. (1936-1966/1998). *Do "Tried" de Freud a do desejo do psicanalista*. *Escritos*. Zahar.
- Lacan, J. (1959-1960/1988). *O seminário livro 7: A ética da psicanálise*. Zahar.
- Lacan, J. (1962-1963/2005). *O seminário livro 10: A Angústia*. Zahar.
- Lacan, J. (1964/1988). *O seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Zahar.
- Lacan, J. (1969-1970/1992). *O seminário livro 17: O avesso da psicanálise*. Zahar.
- Lacan, J. (1971-1972/2012). *O seminário livro 19: ...ou pior*. Zahar.
- Lacan, J. (1974-1975). *O seminário livro 22: R.S.I.* Seminário Inédito. [Facebook.com/lacanempdf](https://www.facebook.com/lacanempdf).
- Lacan, J. (1975-1976/2007). *O seminário livro 23: O Sinthoma*. Zahar.

- Marx, K. (1867/2023). *O capital- livro 1: crítica da economia política*. Boitempo.
- Mendes, A. M. (2018). *Desejar, Falar, Trabalhar*. Editora FI.
- Mendes, A. M. (2022). *As Galinhas que lutem! O Trabalho na Clínica Lacaniana*. Circuitos Edições.
- Santiago, Y. S. (2024). *O psicanalista sem divã: estudo autoetnográfico com mulheres artesãs em uma ONG*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <http://repositorio2.unb.br/handle/10482/51262>
- Santos, T. C. (2009). Sobre a Clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexualização à invenção do parceiro-sinthoma. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 12 (1), 9-26. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982009000100001>
- Lima, F. T. (2025). *Novas Proposições para uma Clínica com trabalhadores no Brasil*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UnB. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/53086>
- Vivés, J-M. (2020). *A voz no divã: Uma leitura psicanalítica sobre ópera, música sacra e eletrônica*. Aller Editora.



## **SOBRE A AUTORA**

---

Professora Titular da Universidade de Brasília, atualmente pesquisadora associada ao Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Laboratório de Trabalho e Linguagem, coordenadora do Grupo de Pesquisa Psicanálise e Crítica Social do Trabalho e do Projeto Trabalhadores no Divã. Fundadora do Laboratório de Psicodinâmica e Clínica do Trabalho (2007-2017). Coordenadora IBRACT Instituto de Pesquisas e Estudos sobre Trabalho, criado em 2024. Atualmente Membro associado ao Centre de Recherches Psychanalyse, Médecine et Société e a L'école doctorale Recherches en Psychanalyse et Psychopathologie na Université Paris Cité (Diderot - Paris 7). Tem Pós-Doutorado na Université Côte d'Azur, Nice, França e no Freudian-Lacanian Institute Après-Coup Psychoanalytic Association em parceria com a School of Visual Arts, New York e no Conservatoire des Arts et Métiers, CNAM, Paris. Doutorado e mestrado em Psicologia, sanduíche na Universidade de Bath, Inglaterra, graduação em Psicologia na Universidade Federal de Pernambuco. Autora dos livros: As Galinhas que Lutem! O Trabalho na Clínica Lacaniana, Circuitos Edições (2022), Desejar, Falar, Trabalhar, Editora Fi (2018), Trabalho e Sofrimento: Práticas Clínicas e Políticas (2014) e Clínica Psicodinâmica do Trabalho: O Sujeito em Ação (2012) pela editora Juruá. site: [www.ibract.com.br](http://www.ibract.com.br), email: [anamag.mendes@gmail.com](mailto:anamag.mendes@gmail.com)



CIRCUITOS  
EDIÇÕES